

Joseania Miranda Freitas

Memorial

**Progressão Vertical de Professora Associada IV para Professora
Titular.**

Salvador — Bahia

2018

SUMÁRIO

1. RESUMO	03
2. DETALHAMENTO DO MEMORIAL.....	03
2.1. Lembranças da infância e adolescência - marcos para a futura docência.....	02
2.2. A formação universitária, Graduação, Mestrado e Doutorado.....	07
2.3. A docência no Ensino Superior na UFBA.....	09
2.4. As ações de Pesquisa Graduação e Pós da FACED/UFBA.....	28
2.5. As ações de Pesquisa Graduação e Pós na Museologia.....	32
2.6. Projetos de Extensão.....	39
2.7. Pós-Graduação em Museologia.....	44
2.8. A escolha da banca.....	50

MEMORIAL

1. RESUMO

Memorial destinado ao cumprimento ao inciso IV do Art. 1º, para progressão na carreira docente, de forma a demonstrar, através da trajetória acadêmica, dedicação obrigatoriamente ao ensino, à pesquisa e/ou à extensão; constando no mesmo a documentação comprobatória do exercício de atividades dentre as elencadas no Art. 2º da Resolução 04/2014.

2. DETALHAMENTO DO MEMORIAL

Este Memorial centra-se nas principais atividades realizadas ao longo do período de abril de 2002 a abril de 2018, anos de exercício do magistério superior na UFBA. No entanto, em narrativas memoriais, mesmo delimitadas temporalmente, faz-se necessário rememorar outros marcos temporais do passado, assim como fazer conjecturas futuras. A tessitura de uma vida acadêmica não começa exatamente na data de posse, nem tão somente no processo de formação para o exercício da docência.

2.1. Lembranças da infância e adolescência – marcos para a futura docência...

Feita esta rápida introdução sobre minha posição quanto à escrita deste Memorial, a partir de agora usarei o discurso na primeira pessoa. A minha relação com a docência está inserida ao longo da minha infância, quando brincava de professora. Como filha mais velha, sempre me foi dado o lugar de “filha exemplar” (leia-se, obediente), aquela que teria que ser modelo para irmãs, irmãos, e por extensão, para primos e primas... Este padrão comportamental se estendeu para o ambiente escolar, de obediente filha passei a aluna dedicada e obediente, que cuidava de ser exemplar para a turma de coleguinhas¹... As brincadeiras, fossem elas no ambiente familiar ou escolar, giravam em torno desta “professora”, ainda em tenra idade... No entanto, antes de levar esta narrativa adiante eu preciso revelar que dois eventos foram fundamentais para começar esta escrita: primeiro a “Roda de Diálogo: a produção intelectual das mulheres negras da Bahia” - promovida pelo Museu Afro-Brasileiro (MAFRO) em 2016 e depois a “Mesa Redonda Intersecções entre Raça, Classe e Gênero: currículos e práticas docentes no ensino superior”, promovida pelo Programa A Cor da Bahia em 2017 - nas duas oportunidades apresentei uma fala centrada nas “memórias de uma professora”.

Agora sim, começo o relato apresentando as duas primeiras fotografias², não somente para ilustrar, mas para amarrar os sentidos materiais das memórias aqui evocadas... A primeira é da *Escola Infantil São João da Escócia*, onde tive o privilégio de cursar o chamado “pré-primário”³. A segunda fotografia é da finalização da alfabetização, com a professora Irene, aos 6 anos (quase 7), quando tive a primeira

¹ O que não vejo como vantagem, pois afinal sessões de análise se fizeram necessárias para que pudesse chegar a esta escrita sobre a “boa filha”, aquela que não revidava, que sempre obedecia... Nada fácil!

² As fotografias utilizadas são do meu acervo, somente estão marcadas aquelas que não fazem parte.

³ Digo privilégio, pois esta não era e, infelizmente ainda não é, uma etapa educacional presente na educação nacional das camadas mais pobres.

“formatura”, achando-me “capacitada” para continuar brincando de professora, agora sabendo algo mais concreto para ensinar: ler e escrever... quanta inocência...



4

Como falei da primeira escola, também será preciso falar da amada e sempre lembrada primeira professora, mesmo sem a sua fotografia para compartilhar. Professora Belinha, uma referência na arte de contar histórias. Posso lembrar, com sensações físicas de frio, da história da “formiguinha e a neve”, contada com um teatrinho de sombras, que a ilustração abaixo encontrada na internet, ajuda a materializar...



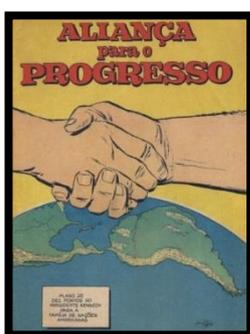
Estudei o chamado ensino primário, fundamental I (1969-1972), na Escola de Aplicação Ernesto Carneiro Ribeiro, escola anexa ao Instituto, que substituiu a Escola Normal, para a formação de professoras⁵. As carteiras para sentar em duplas, diferentes das mesinhas de quatro coleguinhas dos dois anos anteriores... Sei que esta banca conhece bem, mas encontrei uma imagem na internet para reforçar o exercício memorial...

⁴ Fotografia de internet.

⁵ Aqui falamos de um momento marcadamente feminino da História da Educação.



Eram anos de muitas formalidades e rigidez, com os hinos cantados em fila, hasteamento de bandeiras, Educação Moral e Cívica, com as famosas caixas e latas de merenda escolar marcadas pelas mãozinhas da “Aliança para o Progresso” e demais componentes da formação em anos de ditadura militar.



Mas, também, anos de muitos encantamentos e descobertas nos dois equipamentos defendidos por Anísio Teixeira como basilares para a educação escolar: a biblioteca e o museu pedagógico (infelizmente, raros na atualidade). Lembro-me dos dois equipamentos, na realidade, colocados numa única sala, mas exerciam uma magia através das exposições de ciências. Para minha futura atuação profissional estes espaços foram fundamentais, como seguirei relatando.

Tive a mesma professora, Cleonice Ledoux Vargas, salvo nos últimos meses do 4º ano, quando ela saiu de licença maternidade... Não gostei da professora que a substituiu, não lembrando nem sequer o seu nome... Com um misto de frustração e ausência, não tirei as excelentes notas de sempre e fiquei com o boletim comprometido para ir diretamente ao ginásio público⁶, o sonhado Ginásio Municipal Joselito Amorim. Fui para um colégio pago, mas não daqueles chamados na época de “PPFP - Papai Pagou, Filhinho(a) Passou”, fui para o temido Colégio Nossa Senhora do Rosário, comandado rigidamente pelo professor Ademar e sua irmã, que não lembro o nome... Deste colégio ainda prezo uma grata amizade, a colega da UEFS - Suzi Vasconcelos Barboni, dos anos 1973 e 1974.

Tratava-se de uma instituição marcadamente para filhos da elite⁷, dita branca da cidade. Eu era praticamente a única considerada negra, pois não pertencia à elite, havia noutra sala duas irmãs de pele negra, mas como eram filhas de um importante médico da cidade, não eram assim vistas, na minha sala havia um colega, que se dizia “cabo verde” e sempre salientava que o seu liso cabelo “garantia” que não era negro. Neste cenário é importante destacar uma dupla de docentes negros, o profº Jorge Cazumbá, de Português e Literatura, que com sua didática muito competente nos apresentava os

⁶ Aplicação da Reforma Educacional de 1971, Lei 5.692.

⁷ Com exceções, seguramente.

livros de José de Alencar e José Lins do Rêgo, como se próximos destas narrativas estivéssemos... Formando a dupla estava a profª Madalena Mamona, de História, que nos levava para perto das civilizações antigas, como se a elas pertencêssemos, sem esforços adentrávamos no passado longínquo e no mais próximo. Na 5ª série estudávamos História Geral e na 6ª, História do Brasil... Numa, das diversas e interessantes atividades, levamos ao Júri D. Pedro I e seu grito do Ipiranga... Fui a derrotada promotora neste teatro, e o colega que atualmente é desembargador, foi o advogado de defesa, que convenceu o júri que aquele ato havia sido heroico... Eu não levava jeito mesmo para a área jurídica... Rememoro estas referências docentes porque, mesmo no rígido formato do ensino da época, me marcaram com a suavidade do ensino e aprendizagem, fundamentais para minha formação e, principalmente, atuação até hoje. Lembro-me também, fortemente, das palavras da profª Wanda Mendes, de Geografia: “devemos aprender, pois isto é para a vida prática”, tudo que ensinava de Geografia, remetia à vida prática, ao cotidiano, estabelecia relações, lições que tento repetir com as turmas com as quais trabalho...

Em 1975, a situação financeira familiar não permitia duas filhas em colégio particular. Com minha irmã Josiney, fomos transferidas para o Colégio Municipal Joselito Amorim, pois finalmente tínhamos as notas que geravam ingresso, junto com cartas de recomendação, muito comuns naqueles anos... Neste colégio estudei na mesma série que o irmão da professora Lina, que preside esta banca, por extensão, neste momento também, 1975, a conheci, mesmo que rapidamente, pois ela era uma turma a mais, era da 8ª série, quando estávamos na 7ª, isto era uma diferença imensa, principalmente porque usávamos aquelas faixas de um azul muito escuro no bolso da camisa de tergal branco, distinguindo as turmas; além disso, ela era campeã de natação, com seu corpo atlético que inibia a minha interação...

Finalizado os anos de ginásio, chegou a hora da decisão para sequência dos estudos, o Colegial ou o Magistério eram as opções. Mas, como era previsível, nenhuma dúvida pairou neste momento e passei os anos de 1977 a 1979 no Instituto de Educação Gastão Guimarães, saindo formada em Habilitação para o Magistério de 1ª a 4ª Série. Impossível aqui não falar da primeira aula que ministrei para colegas - “testando” a articulação dos conteúdos de Didática e Psicologia Educacional - falei sobre a parte orgânica das emoções, como o corpo reagia às emoções, o trabalho das glândulas suprarrenais, ilustrando com cartazes e desenhos no quadro. Lembro-me do elogio e estímulo à continuidade no Magistério, advindos da profª Edna Reis Silva. No ato de escrita destas lembranças, outras tantas se colocam pedindo destaque, mas é preciso selecionar e omiti-las. Por isso, finalizando esta parte, conto que para padrinho de formatura, aos 17 anos, em dezembro de 1979, convidei o profº Jorge Cazumbá, importante referência da minha entrada no ginásio em 1973, conforme fotografia abaixo.



2.2. A formação universitária, Graduação, Mestrado e Doutorado.

Já estou entrando na sétima página com esta narrativa mais detalhada da infância-adolescência, mas prometo passar rápido pela graduação em Pedagogia, pela entrada na Museologia, Mestrado e Doutorado em Educação e dedicar-me ao detalhamento dos anos de docência, pesquisa e extensão na UFBA, objeto de análise deste Memorial.

Como informei anteriormente, era preciso que esta banca soubesse que a professora, que chegou ao curso de Museologia da UFBA, passou por um desejo de ser professora e por experiências anteriores à formação efetiva para ocupar o lugar de professora de Museologia. Continuando a narrativa, voltando na régua cronológica, cursei, de agosto de 1980 a agosto de 1984, na Universidade Católica do Salvador,⁸ a graduação em Pedagogia, continuando 2 anos mais nas duas Habilitações: Supervisão Escolar e Orientação Educacional.

Na Graduação, fundamentaram-se questões importantes para a minha formação teórica e prática para a docência e coordenação de atividades educacionais. Realizei estágios que propiciaram contatos com processos de formação de crianças, jovens e adultos, de forma direta, em sala de aula e em projetos sociais. O período da Graduação em Pedagogia - que coincidiu com o período de abertura política e “movimento das diretas já” - me proporcionou entrar em contato com organizações comunitárias (associação de mães, de moradores, movimento popular, movimento de luta do bairro do Calabar etc.) e também possibilitou o contato com estratégias de organização e sobrevivência, paralelas aos esquemas oficiais montados.

Deste período do curso de Pedagogia, registro como uma importante referência docente para minha formação, a professora Teresinha Barros, que muito além da Biologia, nos conduzia para compreensão mais ampla dos processos educacionais e o respeito às corporalidades, as diversidades... Deixo uma fotografia para marcar esta lembrança.



No ano de 1985, quando morava num pensionato no bairro do Canela, fui companheira de quarto de Ana Gantois, que estudava Museologia, e às tardes marcava com Luiz Alberto Freire para estudarem no salão de visitas do pensionato. Eu achava lindíssimo o que estudavam... Os belos livros de História da Arte eram sedutores... Também desejei estudar aqueles assuntos e no ano seguinte ingressei no curso, tendo Luiz como monitor de História da Arte I e no semestre seguinte, novamente em História da Arte II. Hoje, Luiz é também professor da Escola de Belas Artes. Ana é museóloga aposentada, dirigiu o Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA.

⁸ Toda a minha formação até então havia sido na cidade de Feira de Santana, onde nasci. Para cursar Pedagogia escolhi a UCSal porque a UEFS nesta época não oferecia este curso e na UFBA, obedecendo ao desejo paterno, prestei vestibular, sem aprovação, para Medicina, profissão que não queria... Mas, em 2001 obtive o título de Doutora, que ele tanto desejava...

Ao fazer este exercício de memória individual, fica evidente que se trata do campo de memórias coletivas... Uma trajetória pessoal nunca é individual, pois é permeada pela constância das diversificadas relações, que se tornam basilares para os processos de formação, que entrelaçam os diversos campos às histórias de vidas.

Uma vez atraída para o Curso de Museologia, encontrei como orientador de turma o prof^o Osvaldo Gouveia⁹, que apresentava às turmas um leque de possibilidades para a nossa formação, levando-nos para as novas discussões da área, que envolviam o Movimento da Nova Museologia. O prof^o Osvaldo nos apresentava possibilidades de estudo de políticas e práticas de preservação, atendendo às demandas sociais, priorizando as relações entre educação e memória social; educação e identidade; educação e histórias de vida, como processos em construção. Mostrava-nos, de perto, o projeto comunitário, que coordenava no Museu Abelardo Rodrigues, localizado no Centro Histórico. Desta época ainda tenho uma recordação material, uma faixa de tecelagem manual, elaborada pelas mães do bairro, que também exerciam a prostituição na região do Centro Histórico. Dando um salto na régua cronológica, em 2006, no lançamento do livro de minha primeira orientanda a terminar o Mestrado em Educação, usei esta faixa...



Voltando à cronologia anterior, no ano de 1993, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação para cursar o Mestrado, buscando respostas para minhas inquietações acerca da relação Educação e Museologia. Ainda neste ano, conheci o projeto de Doutorado da prof^a Maria Célia Teixeira Moura Santos: “Processo museológico e educação: construindo um museu didático-comunitário no Colégio Estadual Lomanto Júnior, em Itapuã”. Foram três semestres de intensas atividades baseadas nos argumentos teóricos e metodológicos da Museologia Social, que começava a amadurecer seu campo, após as anteriores discussões sobre a Nova Museologia. Estas discussões, aliadas ao campo da Pesquisa Ação e da Pesquisa Participante, me levaram à decisão da construção de uma experiência deste porte junto a uma entidade do movimento negro de Salvador, finalizando com a Dissertação: “Museu do Ilê Aiyê: um espaço de memória e etnicidade” - que investigou sobre os processos de preservação da memória da história do negro, a partir dos próprios sujeitos e não somente através da história oficial.

A Dissertação foi resultante de um processo coletivo, envolvendo alunas do colega Marcelo Cunha, que naquele momento já era docente de Museologia, juntamente com o pessoal da diretoria do bloco, que nos permitiu organizar os seus documentos. As fotografias abaixo lembram estes momentos de parceria e construção coletiva.

⁹ Atualmente é gestor do Museu de Irmã Dulce.



Entre 1998 e 2001, realizei o Doutorado em Educação, orientada pelo querido profº Drº Luís Henrique Dias Tavares, estudei as histórias e memórias da primeira biblioteca infantil da Bahia, segunda do país, resultando na tese: “A história da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato: entrelaçamento de personagens e instituição”. Foi também a oportunidade de realizar um processo coletivo, como gosto de fazer. Desta vez, para a tomada de depoimentos, montamos 3 grupos focais, com amigas interpretando personagens de Monteiro Lobato para entrevistarem as “crianças” dos anos 1950, 60 e 70, que conviveram com Denise Tavares, a criadora da biblioteca, num cenário especialmente montado para tal na biblioteca, como mostram as fotografias abaixo.



2.3. A docência no Ensino Superior na UFBA.

Muitas histórias ficam omitidas nesta rápida rememoração, pela exiguidade de espaço e tempo, e outros saltos temporais ainda serão dados. Vamos agora para 1998, para o ingresso no Doutorado em Educação, que cheguei pela via das inquietações teóricas, buscando entender o universo de crianças e adolescentes e seus direitos. Finalizei com a tese: “A História da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato: entrelaçamento de personagens e instituição”, em outubro de 2001. Em novembro, me inscrevi para o concurso da UFBA, realizando as provas de Memorial e Didática em janeiro de 2002.

Uma vez aprovada e feitos os trâmites burocráticos e exames de saúde corporal e mental, tomei posse dia 03 de abril de 2002. Tentarei, finalmente, contar esta trajetória, já finalizando a nona página. Aqui serei breve, mas seguirei uma cronologia, tentando não dar saltos gigantes.

Será uma narrativa temática, contando como me transformei na professora das “aulas andantes” que, num sentido mais filosófico, seria o caso de dizer “uma peripatética docente”. Mas, o primeiro modo é mesmo o usual das turmas, cujo costume começou com André Esteves, aluno de 2004, participante da turma de Arte Decorativa em 2007, que assim as denominava, subindo e descendo ladeiras, nas aulas andantes nos museus, igrejas e instituições no centro da cidade e pelo Recôncavo afora, como

ilustram as fotos abaixo, com discentes subindo ladeiras em Cachoeira e escutando a o Sr. Cidinho e a profª Sandra Bispo, do Terreiro de Oxumaré, em Salvador.



Ao sair do setor pessoal e assinar a posse, fui à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas levar uma cópia do documento, apresentando-me formalmente à chefe do Departamento, profª Rosana Nascimento, que me levou imediatamente para a sala de aula, pois a primeira turma já estava à espera... Recebi de “herança” as duas turmas do profº Marcelo Cunha, que saía para o Doutorado. Vale lembrar que eram turmas relativas ao semestre 2001.2, devido à greve.

Trabalhei inicialmente com as duas disciplinas: “Laboratório de Cultura Africana e Afro-Brasileira” e “Arte Decorativa” até a volta do professor Marcelo em 2006, sendo que nunca lhe “devolvi” Arte Decorativa, pois com esta desenvolvi uma relação específica que mais adiante narrarei.

Na chegada em 2002, também recebi outra incumbência, chefiar o Departamento e, junto com a colega Suely Ceravolo, que chegou em junho deste mesmo ano, formamos a dupla de gestão, eu no Departamento e ela na Coordenação do Colegiado do curso. Eram saletas separadas, que logo foram ampliadas numa única sala, estabelecendo os espaços de atendimento. Ambiente novo, mas não totalmente desconhecido, pois havia vivenciado o outro lado, como aluna, e de coordenação pedagógica entendia um pouco, mas não a gestão universitária, coisa que não nos avisam no concurso...

Retornando às primeiras turmas “herdadas”, faltando menos de 2 meses para finalizar, propus às turmas uma visita conjunta ao Museu Carlos Costa Pinto, quando um aluno me respondeu mais ou menos o seguinte: “Professora eu não vou a um Museu de Arte Decorativa, quero ir a um museu de Arte Popular, quero me ver. A este museu não irei!” Tomei esta inesperada resposta como um desafio para fazê-lo ver além das aparências, desejava levá-lo a compreender as relações entre os dados intrínsecos e extrínsecos... Tal surpresa exigiu de mim uma resposta madura e rápida! Tomei como um teste para uma professora iniciante... Acredito que o meu caminhar anterior me ajudou a resolver este primeiro impasse didático na docência no ensino superior. Fez-me articular, naquele momento, o campo das relações e perceber as diversas mãos visíveis e invisíveis na cadeia de produção, comercialização, uso e não uso dos objetos, naquele caso, de Arte Decorativa, assim como todo e qualquer acervo. Aquela pergunta me ajudou a compor o que venho desde então trabalhando em Arte Decorativa: a incorporação dos estudos de cultura material, principalmente incorporando a produção artística de sociedades anteriores às produções coloniais, mostrando, o óbvio, mas muitas vezes omitido, que as sociedades não eram “tábuas rasas” antes da conquista colonial. Ainda que a Ementa da disciplina não tivesse mudado, a incorporação de elementos anteriores e mesmo paralelos temporalmente à produção do Barroco, Rococó

e Neoclássico nas Américas, no mundo Árabe, na África e na Ásia se fizeram presentes desde então.

Dando um salto gigante (não se preocupem, voltarei...), desde 2016 desenvolvo um projeto de pesquisa docente intitulado: “Descolonização do olhar em Arte Decorativa”, introduzindo na bibliografia textos referentes ao campo teórico dos estudos pós-coloniais, descolonização dos saberes e fazeres e propostas decoloniais. Além de ter apresentado ao Colegiado e Departamento solicitação do desdobramento do componente curricular em três novos componentes¹⁰, com a inclusão formal das referências citadas.

Voltemos às “aulas andantes” - que acontecem devido à crença nos pressupostos que tenho na formação piagetiana, principalmente com relação à passagem da abstração para a concretude. Parte significativa das(os) discentes que chegam ao curso de Museologia nunca entrou em um museu, poucos conhecem a cidade, em termos de equipamentos culturais. Não fiz anotações estatísticas, mas no geral nas turmas, mais da metade indicava que era a primeira vez que visitava determinado local. Sentia, cada vez mais forte, a necessidade de levar as turmas à visualização concreta dos acervos de Arte Decorativa, chegando perto, e em alguns casos, como o Museu Regional do Recôncavo, a ver os móveis coloniais abertos, mostrando as engrenagens, as formas de elaboração, os encaixes, como nas fotografias abaixo, mostrando um contador indo-português do século XVII e uma cômoda do século XVIII.



Mais tarde, com os demais componentes curriculares, a prática das “aulas andantes” continuou e foi preciso incorporar, ruas, praças, monumentos, espaços que davam e dão amplitude para a prática docente fora do espaço das quatro paredes. Era preciso deambular e, muitas vezes, exercitar a livre expressão, incorporar os demais sentidos para apreensão dos conteúdos, era preciso sentir os cheiros, o vento, a chuva, o sol...

Para as “aulas andantes”, duas parcerias “aquáticas” se fizeram necessárias, a Baía de Todos os Santos e o Rio Paraguaçu, incluindo a sua travessia e contemplação e também mergulho, metafórico ou literal... Nas fotografias abaixo, discentes na lancha de travessia na Baía de Todos os Santos e a aluna Soraia Santos, que é do Recôncavo, aproveitando que estava próximo de casa, mergulhou nas águas do Paraguaçu ao final da aula sobre cerâmica, do componente Arte Decorativa.

¹⁰ Artes e Técnicas Decorativas em Museus I – Cerâmica, Faiança e Porcelana; Artes e Técnicas Decorativas em Museus II – Mobiliário e Artes e Técnicas Decorativas em Museus III – Metalurgia Decorativa.



Ao relatar sobre estas andanças e as paisagens da Baía e do Paraguaçu, algumas lembranças me surgem e preciso também compartilhá-las para que saibam que “nem tudo são flores”. Muitas vezes fui pega de surpresa ao andar pelas ruas da cidade com estas turmas. Num semestre qualquer, para não identificar a pessoa, tínhamos, e ainda temos - o costume de, após as aulas de Arte Decorativa no Museu Carlos Costa Pinto, descer a ladeira da Barra, rumo ao Farol para ver o por do sol. Num determinado dia, uma aluna ou aluno para não identificar, me disse: “- vou me matar, não estou aguentando, será hoje...”. Um daqueles momentos que exigem decisões rápidas, mesmo não sendo profissional da área de saúde mental, determinadas posturas podem salvar, como salvou esta vida. Disse à pessoa, certo, se é esta a sua decisão, mas permita-me ir à farmácia com você, vamos comprar um calmante natural, um floral que mal não lhe fará, mas ajudará a pensar melhor sobre esta decisão... Comprei um floral de emergência e fomos conversar na beira do mar (mesmo correndo o perigo da pessoa se jogar, procurei um local mais seguro - com pessoas próximas), apliquei na língua, esfreguei nos pulsos e a fiz cheirar (nem cheiro tem...), mas era uma maneira de dar sequência à conversa, que foi positiva, com mudança de planos. Mais tarde novos rumos se apresentaram e hoje esta pessoa é uma excelente profissional.

Noutro semestre, não identificado, foram três discentes com situação delicada de depressão que me revelaram nas andanças. Foi preciso, algumas vezes, chamar à tona a Orientadora Educacional lá do passado e buscar estratégias de acolhimento e encaminhamentos para que buscassem o devido acompanhamento profissional. Mas, numa outra delicada vez, tive novamente que tomar atitude inesperada, depois da aula o encontro era num bar e, mesmo assim, levei a pessoa e lá conversamos sobre pequenas metas em lugar de grandes metas, esta pessoa se cobrava tanto, e ao final ficava na cama e não venciam a inércia; meu conselho que funcionou: sua meta será ir às aulas, sem compromisso de passar, sua meta será deixar a cama, se conseguir fazer as avaliações será lucro... Não é que funcionou? Esta pessoa foi aprovada nos 4 componentes e ainda fez uma amizade com colega de turma, coisa que em 2 anos de curso não havia feito...

Mas, voltemos ao deambular das aulas. Partimos para conhecer a cidade de Salvador, cidades do Recôncavo, incluindo a Ilha de Itaparica. Instituições de memória as mais diversas foram incorporadas, museus, memoriais, a Sociedade Protetora dos Desvalidos, praças, monumentos, edifícios públicos, terreiros de candomblé, igrejas católicas, comunidade de ceramistas. Além das aulas em campo, muitas vezes contamos com a participação de pessoas, ligadas ou não aos processos docentes formais - convidadas para partilhar o conhecimento, como nas fotografias abaixo, a primeira com o prof^o Milton Moura, do Departamento de História na Ilha de Itaparica, a segunda com o Sr. Góes, na Casa do Samba em Santo Amaro da Purificação e com dona Cadu, experiente ceramista de Coqueiros, município de Maragogipe, no Recôncavo.



Mais tarde, com a Reforma Curricular de 2011, passei a lecionar também outros componentes curriculares, mantendo a dinâmica das “aulas andantes”, contando com as pessoas convidadas: Pesquisa Museológica I, História dos Museus e Coleções, História e Patrimônio na Bahia e TCC (Trabalho de Conclusão de Curso, I, II e III). Excepcionalmente, visando regularizar o fluxo de discentes com atraso, ofereci o componente “Museologia” no segundo semestre 2017.2.

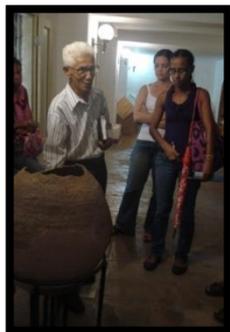
As aulas fora do ambiente da sala de aula também são marcadas pela formalidade. Há um planejamento, acompanhamento e avaliação. Tenho sempre que lembrar às turmas que não são passeios, pois, na ingenuidade, muitos perguntam sobre o “passeio”... Nestas aulas estímulo o uso de diversas anotações, para algumas aulas construímos coletivamente roteiros específicos sobre o que observar em silêncio, e sobre que deve ser perguntado às pessoas dos lugares, caso haja oportunidade.



Continuarei nesta narrativa explicativa das “aulas andantes” e daquelas em que conto com a participação de outras pessoas convidadas - ou seja, tratarei das memórias e aprendizagens dos lugares por onde passamos, destacando os conteúdos e os diversos modos de apreensão, tendo como base os componentes trabalhados nestes 16 anos de docência.

Anos de vivência coletiva, desde o primeiro dia. Ao relatar minha caminhada, verifico, a cada momento, o quão importantes foram e continuam sendo as parcerias que construíram e constroem os caminhos, não importando tanto os resultados, mas o estar junto na vivência de construção coletiva, com erros, acertos, emoções as mais diversas, tristezas algumas vezes, solidão noutras, mas com choros e sorrisos produzidos pela sensação de desejos realizados. Às vezes digo para aquela menina do passado: “- viu aí? Você conseguiu, é professora!” Me alegro com o fato de ter dado resposta para a “menina” que ainda habita em mim, marcada pelas(os) grandes contadoras(res) de história que passaram em minha vida...

Aqui estou eu contando a minha história na UFBA, mas felizmente não é uma história egocêntrica, é também a história de várias pessoas, foram muitas turmas de discentes (envolvendo familiares em muitos casos), colegas (também com familiares envolvidos), funcionárias e funcionários das Unidades por onde passei e passo... Aproveito o tema de funcionário e contador de história para homenagear com um destaque, Seu Matias, do Museu de Arqueologia e Etnologia, que o conheci ainda quando eu era estudante e depois foi um grande colaborador das aulas de Arte Decorativa, explicando sobre as urnas funerárias do acervo¹¹.



Como já perceberam, não estou fazendo uma cronologia fechadinha, estou deixando a memória mais ou menos fluida, lembrando passagens que se destacam nos processos de aprendizagens, sempre em mão dupla, pois estou sempre disponível às novas aprendizagens.

Costumo falar sobre o “gozo acadêmico” - sobre aquele prazer indescritível que sentimos na prática docente ao acompanhar as turmas, individualmente ou em grupos, e vamos verificando o crescimento, não só profissional, mas como indivíduos, sujeitos partícipes integralmente da sociedade. Nestes caminhos, repletos de afetos e concentração de vontades em prol do crescimento da área, foi possível acompanhar de perto não somente o crescimento do curso da UFBA, que avançou em reformas curriculares e na criação do Mestrado, mas também nas mudanças do quadro de formação profissional no país. Eram somente dois cursos no Brasil, UFBA e UNIRIO, depois do REUNI (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) - 11 cursos de Graduação e 5 de Mestrado e 1 de Doutorado se espalharam pelo país. Estes novos cursos de Graduação se transformaram em locais de trabalho para 9 discentes que passaram por minhas turmas, que cito com muito carinho e orgulho (ordem alfabética institucional):

UFRB: Archimedes Ribas Amazonas e Viviane da Silva Santos;

UFPA: Luzia Gomes Ferreira e Marcela Cabral;

UFPEL: Sara Maggitti Silva

UFS: Priscila Maria de Jesus e Ana Karina Calmon;

UFSC: Valdemar de Assis Lima;

UnB: Marijara Queiroz



¹¹ Esta sala da fotografia atualmente leva o seu nome.

Atuando também na docência do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), está Jancileide Souza dos Santos, aluna do curso de Museologia.



Ainda tratando da ampliação da área, lembro que participei, com Marcelo Cunha, da Comissão de Avaliação do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia do MAST - Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro. Assim como participei de bancas para ingresso de docentes e pesquisador nos cursos de Museologia:

Com Carlos Costa e Yára Mattos - aprovamos as professoras: Ana Paula Pacheco e Rita de Cássia Salvador no concurso para professor assistente na UFRB, 2009;

Com Cynthia Roncaglio e Vera Dodebei - aprovamos as professoras Ana Lúcia de Abreu Gomes e Deborah Silva Santos no concurso para professor adjunto na UnB, 2009;

Com Sue Costa e Carmen Silva - aprovamos a professora Marcela Cabral no concurso público para Professor Assistente na UFPA, 2014;

Com Lúcia Hussak, Suely Ceravolo Luís Borges e José Mauro Matheus Loureiro - aprovamos o pesquisador Márcio Rangel no concurso para pesquisador Adjunto do MAST, 2009.

Retomando a narrativa do início da docência, entre 2002 e 2006 lecionei os dois componentes citados, Laboratório e Arte Decorativa, contando com importantes parcerias como interlocutoras das aprendizagens. Mas, antes de falar sobre o componente “Laboratório” é importante lembrar sobre a sua criação em 1996. Vamos ao resumo dos fatos: a disciplina optativa “História da África”, do curso de História, naquele momento deixou de ser oferecida, porém para o curso de Museologia era obrigatória, por isso se fez necessário criar uma nova, mas por algum motivo naquele momento só se registravam (sem uma reforma curricular completa), disciplinas na categoria Laboratório, daí o motivo deste título para discussão sobre “Noções de cultura material africana e afro-brasileira e suas formas de manifestação e expressão” (como consta na Ementa). O conteúdo foi proposto por Marcelo Cunha, que partiu da experiência que tivemos no meu Mestrado, quando pensávamos sobre as bases teóricas para um museu no Ilê Aiyê.

Para minha docência neste componente, uma equipe de “peso” foi importante para a composição dos conteúdos, que tinham as suas bases nas vivências nas práticas de militância religiosa, política educacional e cultural.

A prof^a Sandra Bispo, socióloga, Ialorixá do Terreiro Oxumaré e primeira prioresa da Irmandade do Rosário dos Pretos, colaborou em diversos momentos em sala de aula, na Igreja do Rosário e no Terreiro, explanando a partir da perspectiva de construção mais ampla do conceito de patrimônio cultural, não excludente das matrizes africanas e indígenas, mostrava que a própria elaboração de novas matrizes religiosas no Brasil já nos ensinava esta perspectiva inclusiva de patrimônio¹².

¹² Fotografias de páginas pessoais, exceto de Sandra Bispo - na sequência de citação.

O prof^o Sílvio Humberto dos Passos Cunha, um dos criadores do Instituto Cultural Steve Biko, atualmente vereador da cidade, nos brindava com importantes informações sobre a escravidão, sob o ponto de vista econômico, sobre a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, além das conversas sobre o movimento negro brasileiro, destacando as lutas contemporâneas, ainda necessárias, devido à ausência de políticas, de fato, emancipatórias no pós-abolição.

Também tratando sobre o tema do Movimento Negro, com enfoque para o campo cultural, a professora, artista e diretora do Bloco Afro Ilê Aiyê, Arany Santana, colaborou por mais de uma vez, em aulas e em Seminários, da FACED e da Museologia, destacando também em suas falas o papel da mulher nos movimentos culturais em Salvador.

A prof^a Vanda Machado, uma “senhora” contadora de histórias! Através da suavidade de suas narrativas as turmas eram convidadas a adentrar no denso campo simbólico das culturas africanas no Brasil, passando pelo conhecimento das suas materialidades, através das ações desenvolvidas no “Projeto Educacional Escola Eugênia Anna dos Santos (Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá)”.

O nigeriano, Félix Ayoh’Omidire, na época doutorando em Letras e professor de Yorubá no CEAO (Centro de Estudos Afro-Orientais), participou de palestras com as turmas da FACED e Museologia, tratando das heranças linguísticas e sobre a infância no seu país.

O prof^o Edson Dias Ferreira, meu colega do tempo do Mestrado, docente da UEFS, apresentou Seminários sobre Arte Afro-Brasileira para as turmas de Museologia. Num final de semestre levamos a turma para abertura de sua exposição que tratava das festas em Salvador, com um título que a memória pode agora me trair, mas não lhe perguntei para causar surpresa: “Os janeiros em Salvador”, a abertura coincidiu com meu aniversário, onde comemoramos animadamente com a turma de discentes no Solar Ferrão, no Centro Histórico.

O prof^o Antônio Cosme Lima da Silva, conhecido como Antônio Cosme Onawale, na época, estudioso da História e Geopolítica do continente africano, atualmente é Mestre em História, explicou, por diversas vezes, para as turmas sobre os povos e reinos da África pré-colonial e as suas heranças na Bahia e no Brasil. Suas aulas eram ilustradas com muitos mapas e com o material da UNESCO.

Fechando esta equipe de “peso”, do Departamento de Museologia, ouvimos a prof^a Suely Ceravolo, lembrando seu texto sobre as “bonecas akuabá” - que havia sido escrito com o prof^o Kabengele Munanga, quando ela foi estagiária do MAE/USP. A partir da discussão deste texto, além de tratar dos fundamentos da Arte Africana, discutimos sobre a importância da produção intelectual no estágio. Aproveitamos também os momentos de passagens do prof^o Marcelo Cunha, pela cidade, para tratar do tema “Formação de coleções”. Abaixo fotografias retiradas de páginas pessoais da internet.





Em 2008 a Escola de Belas Artes colocou em funcionamento sua reforma curricular e o componente “Curso Normativo de Formação Étnica da Arte Baiana”, não era mais obrigatório, porém continuava para Museologia, que estava em processo de conclusão da Reforma Curricular. Assim, este componente ficou conosco até a finalização das turmas do velho currículo em 2013. Trabalhei com esta disciplina alguns semestres, orientando trabalhos “monográficos”, na categoria ensaios ou artigos, que mais tarde, para minha alegria, se transformaram em projetos de Mestrado (em ordem cronológica de quando cursaram):

1. Daisy Conceição Santos - Especialização em Arte e Patrimônio; Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos/UFBA, mesmo tema: indumentária afro brasileira;
2. Amanda Cristina Santos Cerqueira - Mestrado em Museologia/UFBA, mesma temática, cultura material afro-brasileira;
3. Jancileide Souza dos Santos - Mestrado no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais/UFBA, com o mesmo tema “coleções e colecionismo”;
4. Cláudio Rafael Almeida de Souza - Mestrado no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais/UFBA, com o mesmo tema “o caboclo do 2 de julho”
5. Manuela de Oliveira Santos Ribeiro - Mestrado em Museologia, com o mesmo tema “a fonte da cabocla do 2 de julho”
6. Viviane da Silva Santos - Mestrado em Desenho Cultura e Interatividade (UEFS), com o mesmo tema “oratórios domésticos”.



Seguindo com a narrativa sobre os componentes lecionados, tive algumas experiências muito interessantes com “Estágio Supervisionado”, dividindo com a prof^a Suely Moraes Ceravolo, traçando estratégias de entrelaçamento com os conteúdos de “Laboratório”, que eu ministrava e também com “Museografia”, ministrado por ela. Montamos o estágio na Irmandade do Rosário dos Pretos e foram escritos projetos de exposição para a instituição. Exercícios que mais tarde poderiam servir de base para futuros projetos.

As aulas de Arte Decorativa sempre foram as minhas prediletas, principalmente pelo desafio que recebi na chegada e pela vontade de fazer diferente do que havia aprendido, não restringindo o ato de decorar-se e de decorar os objetos utilitários somente aos períodos marcados pela colonização. Isto me incomodava na época de discente e como docente buscava respostas. Para isto adquiri uma biblioteca significativa, estudava muito e, cada vez mais, incorporava novos conteúdos. Em 2007,

¹³ Fotografias de páginas pessoais da internet.

ao visitar a exposição temporária “Sipán, o último tesouro de América”¹⁴, no Museu Nacional da Colômbia, decidi que teria mesmo que incorporar a arte pré-hispânica como um dos elementos de análise da Arte Decorativa. Já vinha pensando nestas questões desde quando encontrei nos meus estudos um catálogo de uma exposição temporária, que tinha visitado em 1998, no Museu Chileno de Arte Pré-colombiana: “Chile antes de Chile”. Quando estive por primeira vez na Colômbia, em 2004, já havia ficado fascinada com os Museus do Ouro (Cartagena e Bogotá), mas somente a partir de 2007 o conteúdo foi incluído às aulas, marcando a forte presença da olaria e metalurgia, anteriores à conquista colonial, que criaram importantes gramáticas estilísticas, a partir do desenvolvimento de tecnologias para produção de objetos cerâmicos e de joalheria. Desde então, todas as turmas começaram a conhecer as sociedades colombianas e chilenas e peruanas. Ano passado estive no México e já estou preparando para este semestre a inclusão da produção de sociedades deste país.

Na minha compreensão, era impossível falar do conteúdo explicitado na Ementa, “porcelana chinesa e europeia”¹⁵ sem passar por uma compreensão mais ampla das sociedades produtoras de cerâmica antes, durante e após o período colonial e imperial brasileiro. Havia encontrado elos do passado da América do Sul, mas faltava a proximidade com a produção local, só encontrada em 2008, com a colaboração da prof^a Patrícia Verônica, da UFRB (na primeira foto falando à turma), que nos levou a conhecer a “grande dama” da cerâmica na Bahia, Dona Cadu (Ricardina Pereira da Silva, que dia 14 de abril completará 98 anos)¹⁶, na segunda foto. A partir de então, as aulas de Arte Decorativa obrigatoriamente “andam” por este fértil território de aprendizagens, a comunidade de ceramistas de Coqueiros, no Recôncavo Baiano.



Ao tratar da cerâmica, três colegas foram, e continuam sendo, referências, Rosana Nascimento, que chegou a fazer uma participação no início da minha experiência, falando às turmas sobre o seu texto, resultado da pesquisa de Mestrado em Educação, sobre a historicidade do objeto, em destaque um “lavabo de porcelana chinesa tipo exportação” do Museu de Arte da Bahia, texto básico que permaneço usando, Simone Trindade Silva e Estácio Fernandes - meus afetos da entrada na Museologia em 1986 - são grandes colaboradores. Ela, detentora de vasta experiência de trabalho com a coleção de porcelana do Museu Carlos Costa Pinto, publicou o texto: “Peônia: um símbolo na porcelana chinesa”, em 2000, no Boletim institucional - desde que comecei a trabalhar este texto passou a ser leitura obrigatória das turmas. Estácio é um estudioso da azulejaria portuguesa na Bahia, consultor nesta área, convidado para trabalhos no Brasil e em Portugal, sempre que coincide seu calendário continua participando das aulas andantes com as turmas.

¹⁴ Material arqueológico do Peru, da região do Vale do Lambayeque, descoberto em 1989. Arqueólogo responsável: Walter Alva. Por coincidência em fevereiro deste ano encontrei em Paris outra exposição temporária com este e outros materiais sobre o “Peru antes dos Incas”, no Musée du Quai Branly.

¹⁵ O conteúdo sempre foi trabalhado de forma completa, não eliminei, ao contrário, foi ampliado.

¹⁶ Mais informações no vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=7ZmD_E9CcpE



17

As viagens ao Recôncavo, para o Museu Regional do IPHAN, na cidade de Cachoeira, iniciaram em 2003, quando, estudando descobri que lá estava uma importante peça do mobiliário, que sintetizava um entrelaçamento comercial e cultural importante para compreender os antecedentes do Barroco. O contador indo-português (fotos abaixo) - traz marcas orientais da produção indiana, marcado por técnicas também desenvolvidas no mundo árabe, mostrando os antecedentes do estilo nacional português, que levou ao esplendor e à expansão do Barroco e Rococó que chegaram ao Brasil. Era, portanto, necessário levar as turmas para ver aquela peça. Lá a encontrei perto da janela, sem os cuidados necessários de conservação e, após algumas visitas nos semestres seguintes, o funcionário, Carolino, conseguiu que os responsáveis a transferisse de local, afastando do sol e umidade. Atualmente o museu está fechado para reforma.



As discussões sobre o Mobiliário, em sala ou nas aulas andantes, refletiam sobre os sujeitos que podiam ou não usar os móveis. Tratando-se da perspectiva colonial era também preciso investigar sobre o uso de móveis, com aquelas características artísticas, por outras classes sociais, ainda que fosse raro, devido ao custo financeiro. Nesta reflexão, em aula andante no Museu da Cidade, uma aluna se encantou pela discussão e aceitou o desafio de participar de um Seminário da Universidade Católica apresentando aquelas iniciais reflexões:

PONTIM, Carolina; FREITAS, Joseania Miranda. A Cadeira de Mãe Menininha: Cultura e História Afro-Brasileira como Acervo Museológico. In: VII Semana de Mobilização Científica (SEMOC), 2004, Salvador. VII Semana de Mobilização Científica da UCSal - Reforma Universitária. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2004.

O meu desejo de entrelaçar os conteúdos já consagrados pelo campo artístico com a produção local, com outras culturas e, principalmente, tratar sobre as mãos que estavam envolvidas com a produção, comercialização, limpeza e manutenção destas peças de Arte Decorativa, continuava cada vez mais forte e de tanto desejar, o destino me colocou no caminho a prof^a Lysie Reis (UEFS), que solicitou que participasse de sua

¹⁷ Fotografias retiradas de páginas pessoais da internet.

banca de promoção de incentivo funcional, pela produção científica, ou seja, naquele momento (2007) chegou às minhas mãos para análise, o seu texto “As mãos ocultas nas artes e ofícios do Brasil colonial”. Este texto continua sendo usado, assim como o livro que mais tarde foi publicado.

Completando as temáticas de Arte Decorativa não poderia deixar de falar da importância dos estudos da museóloga Mercedes Rosa, que foi diretora fundadora do Museu Carlos Costa Pinto. Seu livro, publicado inicialmente em 1980: “Prata da Casa”, mais tarde, em 2009, teve nova e ampliada edição, iluminou e continua iluminando as aulas, mostrando o outro lado da prataria, o sistema de produção colonial local, principalmente no destaque às Leis de proibições da mão de obra escravizada, o que leva a uma série de estudos, pois se havia a insistência na proibição significava que estas mãos eram utilizadas e, mais ainda, seu texto mostra a produção e uso de elementos exclusivos por negras alforriadas, as chamadas joias de crioula, incluindo os balangandãs, que foram também estudados por Simone Trindade Silva em sua dissertação de Mestrado em Artes Visuais. Resumindo, sem o Museu Carlos Costa Pinto, dificilmente o componente “Arte Decorativa” seria o mesmo, digo para reforçar que tratar da “descolonização do olhar em Arte Decorativa” não significa negar os conteúdos anteriores, mas questioná-los como hegemônicos, e ampliar as suas possibilidades de compreensão.



18

Voltando às aulas, para as primeiras viagens não conseguimos transporte da Universidade, as turmas aceitavam sair da rodoviária em ônibus convencional, somente uma vez alugamos uma van. A partir de 2009, finalmente, conseguimos o transporte oficial, ônibus, vans ou micro ônibus, da UFBA ou alugados para tal. Sem esconder a verdade... - o primeiro ônibus foi uma vergonha, velho, lanterna colada com fita durex, pneu furado no caminho (fotos ilustrativas abaixo), mas nenhum acidente e ao final correu tudo bem... Passada esta experiência, desde 2010 viajamos confortavelmente a cada semestre.



Mais adiante, outros locais foram se incorporando à itinerância do Recôncavo: Santo Amaro, com o Museu dos Humildes e a Casa do Samba, a Igreja e Seminário de

¹⁸ Fotografia retirada de página pessoal na internet.

Belém de Cachoeira. E no último semestre, 2017.2, fomos à cidade de Conceição do Almeida, onde aconteceu o “Circuito de Mulheres do Samba de Roda”, oportunidade para as turmas de “Museologia” e “História e Patrimônio na Bahia” pudessem participar de uma aprendizagem de forma sensorial, envolvendo a dança, o suor, além de degustar a culinária local, com os deliciosos mariscos¹⁹.



20



21



22



23



24

Como mencionei anteriormente, com a reforma curricular comecei a trabalhar com novos componentes. “História e Patrimônio na Bahia”, em 2013.2 e 2017.2. No

¹⁹ As Sambadeiras, que além da prática do samba, também mariscam para sobreviver.

²⁰ Discentes na porta do Museu dos Humildes, em S. Amaro da Purificação.

²¹ Casa do Samba, em S. Amaro da Purificação.

²² A entrada impactante na sacristia da Igreja de Belém de Cachoeira, ao verificar a pintura de inspiração chinesa, a chinoiserie, tão falada em sala.

²³ Hora de cair no samba, dança e suor para estímulo aos processos de aprendizagem.

²⁴ Duas formas físicas de anotações, além do registro individual sensorial (fotos do acervo pessoal).

semestre 2013.2, devido à greve de 2012, foi vivenciado em pleno verão. Foi preciso planejar várias estratégias para que a turma (com discentes de Museologia e BI - Bacharelado Interdisciplinar) - pudesse internalizar os conteúdos, compreendendo a diversidade dos patrimônios e a sua relação com determinados aspectos históricos e culturais da Bahia. Verão por aqui é quase sinônimo de “período de festas”, e muitas delas entre dezembro e fevereiro estavam no calendário deste semestre atípico, então mais que compreendê-las como patrimônio e história de forma teórica, era preciso vivenciá-las...

Não lhes cansarei contando festa por festa, destacarei somente a de S. Bárbara, que foi estudada teoricamente em sala e, no dia 4 de dezembro, nos encontramos para a procissão, buscando compreender os ritos de fé, os sincretismos, as dimensões materiais e imateriais, e como tais manifestações se entrelaçam à história e ao patrimônio. Na primeira foto, estão discentes se encontrando. Na segunda, o registro da saída da Igreja do Rosário dos Pretos, dos acarajés que são ofertados junto com as hóstias, que também saem da igreja com os padres. Na terceira foto, detalhe da procissão, com elementos materiais dos paramentos e alfaias do catolicismo e do candomblé.



Com este componente, por primeira vez atravessamos a Baía de Todos os Santos para um dia inteiro de aula andante, com travessia marítima dia 11 de janeiro, logo após as festas da Independência na Ilha de Itaparica... Num misto de dúvidas e esperanças de que tudo daria certo, tomamos a lancha no Terminal do Comércio, pois a ida com transporte da UFBA só era possível por terra, fazendo um trajeto muito longo, exigindo mais de 6 horas entre ida e volta. A primeira foto na entrada da lancha. A segunda, aula com o profº Milton Moura, no Panteão do Caboclo da festa da Independência da Bahia, em Itaparica, celebrada dia 7 de janeiro. A terceira foto é um exemplar raro, um encontro casual dos aniversariantes do dia 23 de janeiro, eu, a aluna Jéssica Teles e o escritor itaparicano, João Ubaldo Ribeiro, no seu último aniversário.



Neste último semestre, aprofundi os conteúdos, já programando dividi-los em 2018.2 com o profº Marcelo Cunha, devido às experimentações de aulas que tiveram a Baía de Todos os Santos como a protagonista. No primeiro dia de aula andante, iniciamos o trajeto no Forte de S. Diogo, finalizando no Forte de S. Antônio, onde está o Museu Náutico e o Farol da Barra, de onde avistamos de cima a barra, ou entrada (boca) da Baía.



Esta experiência sensorial, no sol quente de uma manhã de primavera, que mais parecia verão, foi planejada para estimular à percepção espacial da Baía e exercitar formas de olhá-la no passado, no presente e com perspectivas voltadas para o futuro, para compreensão dos referenciais históricos que deveriam ser lidos nos textos do semestre, de forma a perceber aquele espaço antes habitado por diversas sociedades indígenas, sobre as quais trataríamos em aula conjunta com a prof^a Maria Hilda Paraíso, destacando o aldeamento da cidade pelas missões jesuítas.



Neste semestre, a aula andante entrou pela Av. Sete de Setembro, num sábado pela manhã, “De um Castro Alves ao outro” - ou seja, teve como ponto de encontro o Teatro Castro Alves para seguir pela avenida a partir do Hotel da Bahia, entrando pelo Passeio Público, com a apreciação da Baía, passando pelos Aflitos, Mercês, com paradas na Igreja do Rosário (estilo Moçárabe, do Eclétismo do início do século XX), Piedade, com parada para registros de dados sobre a “Conjuração dos Alfaiates” e os enforcamentos que se deram no local. Seguindo por S. Pedro (falando da demolição da igreja e colocação do relógio), passamos pela Igreja de S. Bento, falando sobre a negociação para a sua manutenção, com uma curva e estreitamento na avenida, terminamos com histórias e memórias materializadas em bronze da escultura do poeta Castro Alves, marcando que nestas imediações estavam também em bronze outros mestres, o poeta Gregório de Matos, os músicos Dodô e Osmar, e o cineasta Glauber Rocha... Peripateticamente foram construídas diversas reflexões. Seguem algumas fotos ilustrativas²⁵.

²⁵ Vistas da Baía no Passeio Público; aluno registrando dados sobre a “Conjuração dos Alfaiates”; detalhe Rua da Força; o poeta Gregório de Matos.

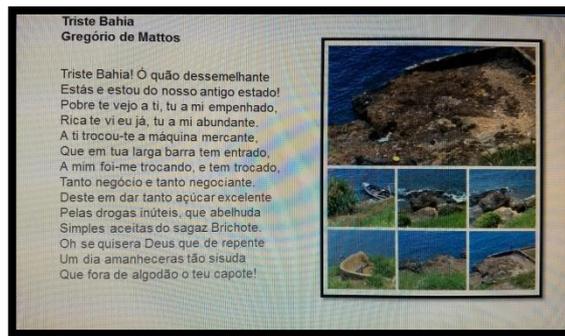


O semestre, que teve a Baía como protagonista, foi encerrado numa aula dupla, ocupando o dia inteiro, para as turmas de “Museologia” e “História e Patrimônio”, percorrendo dois trechos da cidade, as regiões da Cidade Baixa (Igreja da Boa Viagem, Forte e Igreja do Monte Serrat, largo da Igreja do Bonfim) e o Subúrbio Ferroviário (Igreja de N. S. da Escada e praia de Tubarão), com a participação dos professores Milton Moura e Marcelo Cunha e a professora Graça Teixeira.

Adentramos em várias camadas históricas diferentes, visitando edificações do século XV à contemporaneidade. De frente para a Baía o prof^o Milton Moura explicou sobre a toponímia, a relação dos nomes dos lugares com o mar e a religiosidade católica. Seguindo na dimensão de aprendizagens sensoriais, deixamos o ônibus e andamos da Boa Viagem ao Monte Serrat e de lá para o Bonfim, sentindo o vento, o sol, os cheiros, suando e incorporando o visual.



O prof^o Milton nos brindou com um momento inesquecível ao nos colocar no ponto onde muitas oferendas são “despachadas”. Ele nos fez deixar adentrar ao passado, dizendo mais ou menos o seguinte: - não se preocupem com o cheiro, agora são somente dejetos das ofertas rituais, esqueçam por uns instantes e vejam, deste ponto, a “larga barra” da Baía de Todos dos Santos, vamos entender o que o poeta Gregório de Matos quis dizer e declamou, nos extasiando, e fazendo que nosso olfato ficasse momentaneamente anulado, mantendo em evidência nossa audição e a visão...



Na sequência, caminhando, seguimos pelo Monte Serrat, visitando o forte e a igreja, passando pelo Santuário do Bonfim, que estava lotado em dia de missa na última sexta-feira do primeiro mês do ano. Sendo impossível entrar, ficamos do lado de fora ouvindo reflexões sobre patrimônio, fé, materialidades e imaterialidades, com o grupo de professores.

Retornando ao ônibus fomos para a igreja quinhentista de Escada. Foi minha primeira vez no local, que tem uma paisagem esplêndida da Baía, mas ao redor convive com uma série de problemas sociais, advindos da gritante desigualdade social da cidade. Estas reflexões foram vivenciadas com as turmas, principalmente quando escutaram as professoras da Associação Comunitária, que desenvolve trabalhos sociais no local. A turma de calouros de Museologia saiu encantada, pensando na possibilidade de trabalhos acadêmicos, principalmente quem havia participado das aulas com Maria Célia Teixeira M. Santos sobre museus comunitários. A Associação Comunitária nos recepcionou com um delicioso almoço, com um preço muito acessível.



Após o almoço, seguimos para a praia de Tubarão, local escolhido para visualização de parte do fundo da Baía, ainda que de longe, mas o possível dentro do horário planejado. Nesta paisagem, fechamos com dinâmica de observação individual, com o registro de única fotografia do local para apresentar como síntese das aprendizagens do dia. Abaixo a minha fotografia.



Ainda na docência lecionei Trabalho de Conclusão de Curso, I, II e III, sendo que finalizaram comigo 4 estudantes, com temas relacionados às jornadas de aulas andantes:

1. Jéssica Cristina Teles dos Santos. A imagem de N. S. das Maravilhas do Museu de Arte Sacra da UFBA: estudos preliminares para elaboração de Diretrizes Expositivas. 2017.
2. Jacivaldo Gomes Machado. Memória da Arte Naïf: pintores e pintoras no Museu de Arte da Bahia e no Museu de Arte Moderna da Bahia. 2017.
3. Ana Paula Fiuza. Ponto de Memória do Beiru: Memória, Poder e Identidade. 2013.
4. Rita Maria Fonseca Chaves. A Tradição do fazer cerâmico na comunidade de Coqueiros - Bahia - e suas implicações na contemporaneidade. 2013.



Bem, acredito que muito ainda poderia falar das aulas andantes, mas os exemplos citados já mostram um pouco desta imensidão de aprendizados que me provocou neste período e acredito que também tenha alcançado as turmas discentes. Nestes últimos dias de preparação do Memorial, meados de março, coloquei no meu perfil de Facebook uma hashtag (palavras chave) **#ArrumandoMemorialParaTitular** - com o material fotográfico que estava sendo aqui trabalhado, e uma avalanche de respostas positivas foram chegando, com depoimentos, novas lembranças e fotos, acrescidos dos desejos de participar do dia de apresentação.

Neste Memorial não posso deixar escapar os agradecimentos, sempre renovados às instituições que me permitiram usá-las como salas de aula ampliadas. Na categoria Museu, devo imensamente: M. Carlos Costa Pinto; M. de Arte da Bahia; M. Geológico da Bahia; Museus do Instituto Feminino (do Traje e do Têxtil e Arte Decorativa Henriqueta Martins Catharino); M. Náutico da Bahia; M. Afro-Brasileiro (MAFRO); M. de Arqueologia e Etnologia; M. Eugênio Teixeira Leal; M. da Santa Casa de Misericórdia; M. Nacional da Enfermagem Ana Neri (fechado); M. Regional do IPHAN - Cachoeira (fechado para reforma).

Na categoria Memorial, os agradecimentos seguem para: M. da Câmara Municipal; M. dos Governadores (atualmente fechado); M. da Cidade (também fechado); M. de Mãe Menininha do Gantois (fechado para reforma); Ilê Ohum Lailai (Casa das Coisas Antigas, em Yorubá - Memorial do Terreiro do Afonjá - também fechado).

Os meus agradecimentos se estendem às outras instituições de memória, como os Terreiros de Candomblé: do Afonjá, do Gantois, de Oxumaré. Ampliando os agradecimentos às Casas de Cachoeira, nas quais suas sacerdotisas, atualmente falecidas nos receberam com muita estima. Tivemos o privilégio de conhecer e visitar o Terreiro de Gaiku Luíza (Luíza Franquelina da Rocha)²⁶ e, no Terreiro de d. Filhinha (Narcisca Cândido da Conceição)²⁷ - também integrante da Irmandade de N. S. da Boa Morte, fomos brindadas pelo destino e com uma turma de estudantes, após a visita à Irmandade recebemos o convite para desfrutar de um momento muito especial: o “feijão de Ogum”,

²⁶ Mais informações em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y6TXCfUH4V0>

²⁷ Mais informações em: <https://www.youtube.com/watch?v=8LsJUj5Mn7M>

que comemos com as mãos - no último sábado de janeiro, de um semestre de verão - seguindo o ritual, marcado no texto da aluna Maria Juivalda Barbosa, que apresento em trechos abaixo.



A espera foi grande, pois no candomblé o santo é que determina e ele só determinou lá pelas três horas da tarde, mas valeu a pena: - os atabaques começaram a estremecer através de mãos infantis, porém ágeis e bem ritmadas; uma esteira foi colocada no chão com muitos banquinhos em volta; foram surgindo baianas, dançando, cantando e carregando a panela da feijoada, além de pratos, talheres, arroz e farinha; ao colocarem tudo sobre os banquinhos na esteira, cada uma delas foi dançando conforme guiava o seu orixá, tendo à frente a Ialorixá do Terreiro, que com 99 anos de idade mostrava agilidade e determinação inacreditáveis, na organização da roda.

Aos poucos, algumas delas foram entrando em transe, criando entre algumas de nós um misto de curiosidade, medo e até vontade de sair dali correndo, temendo o vexame se por acaso algum santo se manifestasse em nosso corpo.

Ali foi difícil ser mero observador, pois cada um parecia ser tocado nas mais diferentes formas: lágrimas rolavam espontaneamente, tremores de emoção, dores em partes do corpo, tudo sendo registrado mentalmente, deixando transparecer nos semblantes os questionamentos e as reflexões.

Seguindo o ritual, as baianas saíram e voltaram para servir, cada uma executando o seu papel como cortar a carne, separar as porções, fazer a entrega, enfim... a feijoada foi distribuída entre crianças, adultos, nós (a turma de Museologia) [...] e todos que iam chegando, deixavam ver aquele lado da cultura afro-brasileira, onde o sentido de partilhar é fundamental como forma de louvar e agradecer aos orixás.

E muito embora o preconceito e o medo do desconhecido que no princípio nos invadiu, participamos, comemos o 'feijão do preceito', nos sentimos integrados e saímos de lá convencidos que, vivenciar além de traduzir em memória é condição básica para se ter pelo menos a idéia do que é identificação cultural.

Enfim, no finalzinho da tarde, em 'ritmo de aventura', fomos em busca de outras opções e também nos identificamos com os licores da terra, onde a mistura de gengibre e limão, engarrafada sob título 'Beijo de Solteirona', nos fez trazer na bagagem, um pedacinho do recôncavo, só que dessa vez, transformado em cultura materializada em delicioso aperitivo, que também não há de sair da nossa memória.

Juju Barbosa - Breve comentário da ex-aluna da disciplina, 26 de janeiro de 2003.

A carta de Juju me serviu de inspiração, foi como uma síntese para o fechamento dos primeiros 9 meses de docência na UFBA. Serviu de estímulo para a continuidade do modelo que vinha testando, com aulas nas quais as turmas pudessem internalizar os conhecimentos, nos quais os sentidos fossem aguçados (e nesta ganhamos a introdução do paladar) - desejava ultrapassar a leitura e escrita como únicas formas de apreensão.

²⁸ Foto do fotógrafo profissional Adenor Godim, disponível em sua página pessoal: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1400998823831&set=a.1170501501542.2025968.1198115731&type=3&theater>

²⁹ Maria Juivalda Barbos, foto retirada da página pessoal na internet.

Nesta experiência numa instituição da cultura afro-brasileira a turma pode captar, através dos vários sentidos, o papel especial de guarda, de preservação e de continuidade das memórias ancestrais africanas, aqui aportadas através do tráfico humano de pessoas escravizadas, que nos legaram suas materialidades e campos simbólicos, quando trouxeram somente seus corpos, muitas vezes nus, nos navios negreiros. Foi na perspectiva de respeito às culturas ancestrais que compartilhamos conhecimentos nestes espaços nos 16 anos de andanças com as turmas nos diversos componentes que lecionei.

Ainda no campo das memórias africanas e afro-brasileiras não posso deixar de agradecer a sempre visitada, não importava o componente, Sociedade Protetora dos Desvalidos, no Largo de S. Francisco, no Centro Histórico. Entidade que foi formada por escravizados e alforriados para, entre outras ações, garantir a liberdade de outras pessoas na situação de escravizadas. Assuntos lá não faltam: patrimônio, história, memória, mobiliário, religiosidade, associativismo, entre tantos outros tratados nos componentes.

E na categoria igrejas, sou muito grata ao pessoal que nos atende de braços abertos nas igrejas do Centro Histórico: S. Francisco; Ordem Terceira de S. Francisco, Rosário dos Pretos; S. Domingos; S. Pedro dos Clérigos; Catedral (atualmente em reforma). Fora do centro, outras têm permitido a realização de nossas aulas: S. Lázaro; Bonfim; Boa Viagem; Monte Serrat; Escada; Conceição da Praia; N. S. do Carmo em Cachoeira, Belém de Cachoeira (fechada para reforma), do Santíssimo e de São Lourenço em Itaparica.

Como instituições privadas e públicas, tenho que citar e agradecer à Diretoria de Museus do IPAC; à Associação Comercial da Bahia; ao COREM 1R (Conselho Regional de Museologia, 1ª zona); Palácio da Aclamação e Palácio Rio Branco (ambos fechados para reforma).

2.4. As ações de Pesquisa Graduação e Pós da FACED/UFBA

Como egressa do Programa de Pós-Graduação em Educação, logo foi convidada a integrar a equipe de professores, e imediatamente na seleção para 2003 recebi 3 vagas para orientação. As primeiras e inesquecíveis mestrandas: Ana Katia; Gilca e Neusa trabalharam com temas relativos aos “negados” direitos da infância e adolescência, vinculadas à pesquisa: “Infância, adolescência: a lenta construção dos direitos” (2002 - 2006).



1. Ana Katia A. dos Santos: “Infância, afrodescendência e produção de conhecimento no cenário escolar baiano: por uma epistemologia crítica do ensino fundamental.” Defendeu ainda em 2004 – atualmente professora da FACED/UFBA. Atualização em livro, disponível em:

<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ufba/212/1/Infancia%20afrodescendente.pdf>

2. Gilca O. Carrera: “Por detrás das muralhas: práticas educativas da medida de internação.” Defendeu em 2005 – atualmente professora UCSal. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11051>
3. Neusa G. do Nascimento: “Adolescência com prazo de validade: um estudo do impacto da prática educativa em instituições de abrigo de Salvador.” Defendeu em 2005 – professora UNIFACS. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10980>

Como estava na Faculdade de Educação também fui chamada para orientação de Trabalhos de conclusão de Curso, com temas voltados à temática da infância:

1. Andréia Leilane dos Santos Monteiro. O desenvolvimento cognitivo da criança: o papel do lúdico. 2002.
2. Lília Passos da Silva. A iniciação da alfabetização na educação infantil e sua influência nas séries iniciais da escola pública. 2002.
3. Josefa Francisca dos Santos. Relações Étnico-Raciais no ensino fundamental: um estudo de quatro trabalhos do PPGE/UFBA. 2004.
4. Kenia Kadije dos Santos Vieira. Reflexões pedagógicas sobre o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil em Camaçari. 2004.

Particpei ativamente da Linha de Pesquisa de História e Educação, inicialmente era coordenada pela prof^a Elizete Passos, depois continuei no GEFIGE - Grupo de Estudos em Filosofia, Gênero e Educação, coordenado pela prof^a Tereza Cristina Fagundes.

Em 2003, não havia o uso tão amplo da internet, mas nosso grupo aparecia na página da FACED e numa destas buscas, a prof^a Maria Manuela Borges³⁰, do Instituto de Investigação Científica e Tropical, da Universidade Nova de Lisboa me encontrou e manteve contato, pois havia trabalhado com um grupo de mulheres na Guiné Bissau, que desenvolviam ações de associativismo feminino e percebeu que poderíamos estabelecer elos com a perspectiva de gênero, que eu estava trabalhando com as mulheres da Irmandade da Boa Morte. Destas trocas de e-mail, montamos virtualmente e presencialmente o “Seminário Educação e Associativismo Feminino”, em junho de 2003, envolvendo várias associações da cidade, um seminário com caráter de extensão; pois coincidia com a realização do Curso de Extensão, descrito mais adiante. No meu acervo fotográfico encontrei tão somente três fotos, do cartaz, da prof^a Sandra Bispo, falando sobre a sua gestão como priora da Irmandade do Rosário dos Pretos e a visita que fizemos à Banda Feminina Didá. Desta visita a prof^a Manuela escreveu um texto.



Destaco nestas memórias do GEFIGE, a ida do nosso Grupo para a Universidade do Sudoeste da Bahia, Campus Vitória da Conquista, em 2004, quando participamos de um Seminário do Museu Pedagógico, participando conosco as professoras Esmeralda Aragão, aposentada do ICI, com quem estava escrevendo um livro sobre Denise Tavares e a Biblioteca Infantil Teresa Cristina, coordenadora do Grupo, Manuela Borges (parceria das pesquisas sobre gênero no MAFRO) e Iraci Picanço da FACED. Estes momentos estão registrados nas fotografias abaixo.

³⁰ Faleceu em 2013.



A partir de 2005, com as aposentadorias das duas coordenadoras citadas, a Linha passou para a coordenação da prof^a Sara Marta Dick. Com esta a sintonia era tão afinada que, mais de uma vez, sem combinação anterior, estávamos com detalhes combinados no vestuário ou nos acessórios, como na fotografia abaixo...



Em 2008, finalmente, o livro que estava organizando com a prof^a Esmeralda Aragão, relativo à tese, com destaque biográfico para a criadora da Biblioteca Infantil, ficou pronto e fizemos o lançamento na própria Biblioteca (fotos abaixo), na Academia de Letras da cidade natal de Denise Tavares e ainda na Ilha de Itaparica.



Das aulas no PPGE/FACED - de “História Social da Infância”, “História e Educação” e “Tópicos Especiais de Educação”, da graduação em Pedagogia - destaco três lembranças importantes: o prof^o Félix Ayoh’Omidire, da Universidade de Ifé, Nigéria, que tratou sobre “A criança na sociedade Yorubá”, a prof^a Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima, Juíza da Infância e Juventude que apresentou dados sobre a “Proteção Integral da Criança e do Adolescente”. Infelizmente não encontrei fotos. Mas, das aulas andantes, com convidado (Marcelo Cunha, neste caso), encontrei uma foto, de um final de aula, após sair do MAFRO, nos jardins da Escola de Medicina. Uma aluna especial, que estava na visita, decidiu ali o seu projeto de Mestrado, que foi aprovado e orientado por Marcelo Cunha, no Pós-Afro³¹.

³¹ Aluna especial do PPGE/FACED Thiara Cerqueira Matos, defendeu a Dissertação “Correspondências pessoais ajudam a criar instituições; Pierre Verger, o Museu Afro-Brasileiro e sua rede de colaboradores (1972-1976)”. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/15023/1/dissertacao_TCMatos.pdf



Na Faculdade de Educação, fiquei até 2009, quando por questões de saúde, no entanto, devido ao acúmulo de atividades (Museologia, MAFRO e FACED), me vi obrigada a “desacelerar”, mas ainda formei mais duas mestrandas e coorientei outra:

1. Isadora Browne Porciúncula de Moraes Ribeiro. “Na sala de aula: a criança, sua professora, o ECA e a ideologia.” Defendeu em 2006. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10186/1/Ribeiro.pdf>
2. Cristiane Copque da Cruz. “Introdução aos Estudos Africanos na Escola: trajetórias de uma luta histórica.” Defendeu em 2008. Atualmente é professora do IFBA/Barreiras. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10548/1/Dissertacao_Cristiane%20Copque.pdf
3. Coorientação com Dinéia Sobral Muniz; Ilmara V. B. F. Coutinho: “Histórias de leitura, histórias de vida: um olhar reflexivo sobre as memórias leitoras quilombolas.” Defendeu em 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11076>



Em 2006, quando saí para o pós-doc estava orientando Ludimila Couto, que deixei sob a orientação de Sara Dick, participando da sua defesa na volta: DICK, Sara Marta; MELO, Victor Andrade; FREITAS, J. M. Participação em banca de Mestrado de Ludimila Brasileiro Guirra Couto. “A formação escolar das mulheres ferroviárias de Alagoinhas (1950-1970)”. UFBA, 2007.

Na FACED, ainda trabalhei com a prof^a Stela Borges, recém-aposentada, num projeto de pesquisa para escrita de um texto encomendado pelo INEP “Programa de Reconstrução Educacional na Bahia: Anísio Teixeira (1952-1964)”³³.

No último ano de atuação na FACED (2009), comecei sem finalizar, as primeiras orientações de Doutorado (José Antônio C. Leão e Margarete Conrado). Finalizei a orientação de três Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), relacionados à Educação Quilombola:

³² Fotografias pessoais de páginas de internet.

³³ O texto foi publicado impresso e também se encontra em plataforma digital: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484184/An%C3%ADsio+Teixeira+na+dire%C3%A7%C3%A3o+do+Inep+Programa+para+a+Reconstru%C3%A7%C3%A3o+da+Na%C3%A7%C3%A3o+Brasileira+281952-1964%29/894086f8-5422-48b7-8229-0f05168b465e?version=1.1>



1. Carla Cristina dos Santos de Jesus: Mulheres negras e educação: identidade e trajetória de professoras da Escola Comunitária Luíza Mahin;
2. Cynara da Hora Cantuário: Educação Quilombola: a Escola Comunitária Luíza Mahin;
3. Juliana Marta Santos de Oliveira: Aplicabilidade da Lei 10.639/03: o caso da Escola Luíza Mahin, uma história de vanguarda.

Continuo ligada ao PPGE/FACED/UFBA, na participação de bancas, entre Mestrado e Doutorado.

2.5. As ações de Pesquisa Graduação e Pós em Museologia

No curso de Museologia, mesmo sem a existência de um programa de Pós-Graduação, segui no MAFRO com as tarefas de pesquisa, criando um grande projeto “Projeto de Ações Afirmativas Museológicas do Museu Afro-Brasileiro” (em andamento desde 2002), com vários subprojetos.

Nas propostas de pesquisa realizadas, tínhamos, e continuamos tendo, como desafio pensar abordagens museológicas que incorporem argumentos para compreensão das dinâmicas culturais diaspóricas, herdadas através de memórias coletivas, subjugadas pelo sistema escravista em mais de quatro séculos, que precisa ser valorizada. Nesta perspectiva, diversos textos foram apresentados em congressos e posteriormente publicados relacionados às memórias africanas e diaspóricas, e a problemática de seus registros. Para estas publicações contei muitas vezes com a parceria de Marcelo Cunha. Abaixo algumas destas produções:

FREITAS, J. M. Memórias afro-descendentes y la museística: algunas reflexiones. REVISTA BRASILEIRA DO CARIBE, v. 14, p. 117-137, 2013. Disponível em:
<https://biblat.unam.mx/pt/revista/revista-brasileira-do-caribe>

FREITAS, J. M. Ações afirmativas museológicas no museu afro-brasileiro-UFBA: um processo em construção. MAST Colloquia, v. 12, p. 27-46, 2010. Disponível em:
http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/955/1/mast_colloquia_12.pdf

FREITAS, J. M.; CUNHA, Marcelo Nascimento B da. Memórias afro-diaspóricas en diferentes territorios caribeños y latinoamericanos en las perspectivas de Manuel Raimundo Querino y Manuel Zapata Olivella. REVISTA BRASILEIRA DO CARIBE, v. 16, p. 245-262, 2015. Disponível em:
<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/4506>

FREITAS, J. M.; CUNHA, M. N. B. Reflexões sobre a exposição temporária do MAFRO/UFBA - Exu: outras faces. MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO, v. 7, p. 191-206, 2014. Disponível em:
<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/341/300>

Um dos subprojetos realizado entre 2002 e 2009 foi: “A Irmandade da Boa Morte: uma perspectiva museológica e de gênero”. Trabalhei com a prof^a portuguesa,

Manuela Borges, e com bolsistas PIBIC, apresentamos as pesquisas em vários eventos acadêmicos e publicamos diversos artigos, envolvendo discentes³⁴.



FREITAS, J. M.; SILVA, Livia Maria Baêta da; FERREIRA, Luzia Gomes. Ações afirmativas de caráter museológico no Museu Afro-Brasileiro. MUSAS (IPHAN), Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 116-126, 2006. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/04/Musas2.pdf>

BORGES, Manuela; FREITAS, J. M.; FERREIRA, Luzia Gomes. Relações de Alteridades e Identidades: mandjuandades na Guiné Bissau e a Irmandade da Boa Morte na Bahia. Impulso: Revista de Ciências Sociais e Humanas, Piracicaba, v. 17, n.43, p. 91-103, 2006. Disponível em: <http://docplayer.com.br/5609630-Relacoes-de-alteridades-e-identidades-mandjuandades-na-guine-bissau-e-a-irmandade-da-boa-morte-na-bahia.html>

MONTEIRO, Juliana; FERREIRA, Luzia Gomes; FREITAS, J. M. As roupas de crioula no século XIX, e o traje de beca na contemporaneidade: uma análise museológica. CADERNOS DO CEOM (UNOCHAPECÓ), v. 24, p. 287-306, 2006. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2084/1161>

MONTEIRO, Juliana; FERREIRA, Luzia Gomes; FREITAS, J. M. As roupas de crioula no século XIX e o traje de beca na contemporaneidade: símbolos de identidade e memória. MNEME (CAICÓ. ONLINE), UFRN - página eletrônica, v. 7, n.18, p. 1, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/329/302>

FREITAS, J. M.; BORGES, Manuela. Perspectivas histórico-educacionais do associativismo feminino na África e no Brasil; memórias solidárias: mandjuandades na Guiné Bissau e a Irmandade da Boa Morte na Bahia. REVISTA EDUCAÇÃO EM QUESTÃO (UFRN. IMPRESSO), Natal - RN, v. 22, n.8, p. 34-54, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8357/6015>

No final do ano de 2003, participei da reunião do subcomitê regional para a América Latina e Caribe do ICOFOM LAM, quando conheci a prof^ª Dr^ª Martha Lizcano, da Universidade do Norte, em Barranquilla, Colômbia. Depois de muitas conversas, fui convencida a conhecer o carnaval de sua terra que havia acabado de ser nomeado patrimônio oral e imaterial da humanidade. Convite aceito e fui ver o carnaval na sua primeira edição, após a distinção da UNESCO, assim como fiz uma palestra na Universidade, transformada em texto, publicado na Revista Brasileira do Caribe naquele ano. Oficialmente, entre 2004 e 2010, desenvolvemos conjuntamente o projeto de pesquisa “O afro carnaval no Atlântico: memórias solidárias”, estudantes tiveram também participação, Martha com um bolsista, Danny Gonzalez, que se tornou professor da Universidade do Atlântico, atualmente realiza o doutorado em Madri. E eu, trabalhava com duas estudantes, que também se tornaram professoras de cursos de Museologia, Luzia Gomes Ferreira (UFPA) e Priscila Maria de Jesus (UFS) - seguem abaixo as fotografias para identificação. Este processo acadêmico resultou em amizades, que são preservadas até hoje.

³⁴ Fotografias da prof^ª Manuela Borges com as discentes: Livia, Luzia e Juliana.



Destaco o que publicamos conjuntamente:

LIZCANO, Martha Sophia; CUETO, Danny Gonzales; FREITAS, J. M. Afro-Carnaval no Caribe - Barranquilla (Colombia) e Salvador (Brasil): por uma Memória Comum e Solidária. *Marges, Perpignan*, v. 29, n.1, p. 229-245, 2006.

FREITAS, J. M.; FERREIRA, Luzia Gomes; JESUS, Priscila Maria de. Obras primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade: o Carnaval de Barranquilla e o Palenque de São Basílio (Colômbia) e o Samba de Roda do Recôncavo Baiano (Brasil). *Revista Brasileira do Caribe*, v. 14, p. 501-531, 2007. Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/2457>

FREITAS, J. M.; LIZCANO, Martha Sophia. Editorial da Revista Brasileira do Caribe V. X N. 20. *Revista Brasileira do Caribe*, v. X, p. 327-329, 2010. Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/issue/view/174>

LIZCANO, Martha Sophia; CUETO, Danny Gonzales; FREITAS, J. M. Um Carnaval na Colômbia - patrimônio da Humanidade - A Festa de Barranquilla e sua relação com o Carnaval Afro-Brasileiro de Salvador no Brasil. *PROJETO HISTÓRIA (PUCSP)*, São Paulo, v. 28, n.28, p. 107-122, 2004. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10419/7765>

FREITAS, J. M. Las raíces africanas del Carnaval de Barranquilla. *Revista Brasileira do Caribe*, v. X, p. 423-476, 2010. Disponível em:

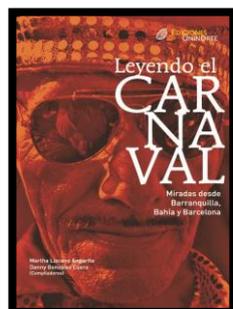
<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/2173/0>

FREITAS, J. M. El carnaval afro-brasileño en Salvador de Bahía: patrimonio de la cultura brasileña. *Revista Brasileira do Caribe, Goiânia*, v. IV, n.08, p. 159-180, 2004. Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/2927>

Participamos coletivamente - eu, Martha Lizcano, Danny Gonzáles e Jordi Lladó - do V Congresso de Colombianistas, em Bogotá (2007), numa mesa, com o título: *Las raíces africanas del carnaval de Barranquilla*, organizada em Homenagem à antropóloga Nina S. de Friedemann³⁵ e ao antropólogo Escalante Polo, estudiosos das heranças negras na Colômbia. Foi um momento muito especial, com a presença da filha da antropóloga, Grieta Friedemann-Sánchez, e dos antropólogos Jaime Arocha, Claudia Mosquera e Jaime Olivares Guzmán, que contribuíram com intervenções para os avanços teóricos das nossas pesquisas. Deste exercício de participar de eventos na Colômbia e no Brasil, reunimos outros estudiosos e partimos para a escrita de um livro, que teve sua primeira edição em 2009 e segunda em 2013: LIZCANO, Martha; GONZÁLES, Danny. (Org.). *Leyendo el carnaval, miradas desde Barranquilla, Bahía y Barcelona*. Barranquilla: UNINORTE.

³⁵ Uma das pioneiras nos estudos afro-colombianos, falecida em 1998.



Esta articulação de pesquisas nos colocou em rede com outras(os) estudiosas(os) de outros país, principalmente com a região do Caribe. Em 2004 e 2006 participamos coletivamente do III e IV Simpósio Internacional do CECAB (Centro de Estudos do Caribe no Brasil), em Goiás, coordenado pela prof^a Olga Cabrera. E, em 2007, montamos em Salvador, uma mesa com nossas pesquisas, numa outra rede de pesquisa, a “Associação dos Estudos do Caribe” - como registro deste momento, temos na primeira foto em destaque o prof^o Elhadji Amadou Ndoye³⁶, do Senegal, que já estava conosco desde 2004, no CECAB; na segunda foto, a bolsista Luzia, as professoras Manuela, Martha e eu, depois o prof^o Marcelo Cunha, a mestrande Cristiane e a prof^a Maria do Carmo Araújo, da UNEB, que naquele momento se uniu ao grupo.



Levei para o meu primeiro pós-doutorado o tema das heranças africanas do carnaval de Barranquilla, com o privilégio de ter orientação triangular, com a supervisão de Martha, na Colômbia, Olga Cabrera, na Federal de Goiás e Victorien Lavou, na Universidade de Perpignan (França). Estive nos três locais (sem bolsa), participei de seminários e publiquei junto às três Universidades. Na oportunidade também estive, com a prof^a Manuela, no Senegal, a convite do prof^o Amadou Ndoye para um Seminário, aproveitando para visitar a Museu de Dakar, onde encontrei elementos anteriormente registrados por Nina S. de Friedemann (fotos abaixo).

³⁶ Faleceu em 2013.



No ano de 2008, ficamos com a responsabilidade de organizar o V Simpósio do CECAB. Montamos um grande grupo de coordenação, sob a liderança da prof^a Lina Aras, na época diretora da Faculdade, com a prof^a Graça Teixeira e o prof^o Marcelo. Nas fotos abaixo, um destaque para a prof^a Lina e na segunda, o grupo que começamos a chamar de “Eje (Eixo) BA-BA-BA” - Barranquilla, Barcelona e Bahia: Jordi Lladó, Martha Lizcano, eu e Danny Gonzáles.



A pesquisa foi finalizada, mas a temática relativa às diásporas africanas forçadas pelo tráfico colonial escravista continuava latente. Como forma de uma nova aproximação ao tema, apresentei, com Marcelo, um trabalho num Colóquio em Santa Marta (Colômbia, 2014), que foi posteriormente publicado:

FREITAS, Joseania Miranda; CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Memórias afro-diaspóricas em diferentes territorios caribeños y latinoamericanos en las perspectivas de Manuel Raimundo Querino y Manuel Zapata Olivella. *Revista Brasileira do Caribe*, v. 16, n. 31, jul-dez 2015. Disponível em:

<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/4506/2461>

As minhas relações com a Colômbia se estreitaram mais ainda quando, em 2013, participei como palestrante brasileira do VII Encontro do Ibermuseum³⁷, na cidade de Barranquilla, em substituição à prof^a Maria Célia Teixeira M. Santos, que não pode ir. Apresentei uma síntese das pesquisas que havia realizado até aquele momento, com ênfase nas memórias afro diaspóricas. A palestra foi publicada na *Revista Brasileira do caribe*, no Dossiê, organizado pelo prof^o Milton Moura, “Festas, Cultura e Ambiente no Caribe”:

FREITAS, Joseania Miranda. Memórias afro-descendentes y la museística: algunas reflexiones. In: *Revista Brasileira do Caribe*, v. 14, n. 27, jul./dez. 2013: DOSSIÊ: Festas, Cultura e

³⁷ Cooperação e Integração dos países ibero americanos. Mais informações em: <http://www.ibermuseum.org/instit/conheca-o-programa-ibermuseum/>

Ambiente no Caribe. Disponível em:

<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rbrscaribe/article/view/2333/414>

Fruto destas articulações com temas colombianos, em dezembro de 2015 o “Programa de Fortalecimento de Museus do Museu Nacional” me convidou para uma entrevista, que foi publicada no seu Boletim:

“Museos: fiestas y tradiciones populares”. Disponível em:

<http://www.museoscolombianos.gov.co/elitinerante2015/57/default.aspx>

O tema desta entrevista foi ampliado e, mais uma vez, com Marcelo Cunha, apresentei (ele não pode ir) numa mesa no IV Congresso Internacional sobre Experiências na Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, o texto: “Las fiestas y tradiciones populares en los museos -de la mudez a la polifonía- desafíos contemporâneos”, na cidade de Hermosillo, no México em 2017.

Entre 2008 e 2009, buscando aproximar-me mais estreitamente do campo de pesquisa de Arte Decorativa (minha área de paixão), iniciei o projeto “Museus de Arte Decorativa: coleções, colecionadores e curadoras - histórias de vidas institucional e profissional”, mas não tive condições de dar continuidade, devido às muitas atividades que acumulava, chefia de Departamento, aulas, pesquisas na FACED e no Museu. Foi quando em 2009, por recomendação médica encerrei a participação na FACED e neste projeto. Cortes que foram difíceis de serem feitos... mas, necessários. Não me arrependo, aliás, de nada me arrependo!

Em 2010, atendendo ao pedido do Terreiro de Oxumaré, elaboramos um projeto de pesquisa de Iniciação Científica “Memórias de Mãe Nilzete de Iemanjá”, como uma atividade preparatória para as comemorações dos 21 anos de seu falecimento, em 2011. Foi um projeto realizado através do MAFRO entre 2010 e 2012. Três docentes estiveram envolvidos, com bolsistas do curso de Museologia. O resultado foi a entrega de uma cartilha com os procedimentos necessários para o acondicionamento dos documentos institucionais, entregamos o projeto de exposição para a busca de financiamento pelo Terreiro, conforme solicitado. Abaixo algumas fotos que marcam estas lembranças, com as três bolsistas sob minha orientação: Edenice Leal, Laís Garcia e Adailda Alves, que está com d. Ana de Ogum, que lhe deu a confiança de ajudá-la a prepara-se para a fotografia.



Entre 2011 e 2015, partimos para estudo do acervo de Capoeira, guardado na Reserva Técnica, para um projeto futuro de sua volta à exposição de longa duração. O projeto foi dividido em etapas, a primeira, de “Revisão da Documentação” (2011-2012), em parceria com os docentes Marcelo Cunha e Graça Teixeira. As primeiras análises relativas a esta etapa foram publicadas no primeiro número da Revista Ventilando Acervos, com as bolsistas Dora Galas e Sandra Kroetz (fotos abaixo):

FREITAS, J. M.; GALAS, D. M.; KROETZ, S. M. A Coleção Capoeira do Museu Afro-Brasileiro (MAFRO/UFBA): Os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde e a Documentação Museológica. Ventilando Acervos, v. 1, p. 78-94, 2013. Disponível em: <http://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/10/Revista-Eletronica-Ventilando-Acervos-vol-01.pdf>



Aqui é preciso uma parada explicativa sobre nossos processos coletivos de orientação e pesquisa no MAFRO, ao que a museóloga, Emília Neves, chama divertidamente de “museu da esquizofrenia”. Explicando: nesta fase, nós docentes orientávamos conjuntamente a turma de bolsistas em dois projetos (meu e de Marcelo), e a prof^a Graça, como coordenadora do Museu também exercia este papel. Esta explicação é necessária porque o texto que citei acima foi produzido com Dora, que oficialmente era bolsista de Marcelo, ela saiu do projeto em 2013, ao ser selecionada para a primeira turma do Mestrado em Museologia, dando sequência ao estudo da documentação da “Coleção Estácio de Lima”, orientada pelo prof^o Marcelo. “Esquizofrênico” ou não, os bons resultados são colhidos nos processos de pesquisa do MAFRO.

Na sequência do projeto da Coleção Capoeira, a segunda fase (2013-2014) e a terceira (2014-2015) envolveu o estudo dos Mestres, proprietários do acervo. Neste ponto, percebemos que se tratava de uma coleção biográfica, fazendo com que incorporássemos novos referenciais bibliográficos, passando a nomear desta forma a coleção. Trabalhei com outros dois bolsistas PIBIC, José Joaquim Araújo Filho e Jean H. Brito (fotos abaixo), organizando Rodas de Conversa sobre a Coleção, envolvendo diversas pessoas, pesquisadores e pesquisadoras de Universidades e da Capoeira, música e poesia também se incorporam ao processo. Apresentamos os resultados parciais em eventos acadêmicos e publicamos um artigo.

FREITAS, J. M.; ARAÚJO FILHO, J. J. ; BRITO, Jean Herbert Batista. A Capoeira dos Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no acervo do Museu Afro-Brasileiro da UFBA. Pontos de Interrogação, v. 3, p. 175-186, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1767/1187>

A finalização deste projeto se deu com a entrega ao MAFRO da revisão da documentação, do Projeto de Expografia e a produção de um livro-catálogo, publicado com o apoio financeiro do Fundo de Cultura da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, em 2015. O livro, como vocês já podem esperar, foi uma produção coletiva, contando com textos de Mestres e Mestras de Capoeira, 40 pessoas, diversas entre si, com um objetivo comum, falar sobre os Mestres da Coleção. Da junção dos textos publicados com Dora e Sandra e com Joaquim e Jean produzi o texto da Introdução do catálogo, além disso, Dora, com a prof^a Suely Ceravolo, docente de “Documentação” - escreveram o texto específico desta área. Escreveram também seus textos, o prof^o Marcelo e a prof^a Graça. Com Joaquim e Jean também escrevi um texto. Ao final, foram 34 textos, além de prefácio e apresentação.



Como poderia dizer Emília Neves, “esquizofrenia pouca é bobagem”, ainda entre 2013 e 2015 também orientei outro projeto, que está em andamento... Na primeira fase se chamava “Estudo e divulgação da Coleção de Cópias em gesso de peças do Museu de Tervuren - Museu Real da África Central - na Bélgica”, foi assim com este título para termos bolsista de Extensão. Abaixo, uma fotografia, síntese de um momento de trabalho, com toda a equipe daquele momento, com dois projetos em andamento: José Joaquim, Érica Mendes, Emília Neves, Zinalva Ferreira, Romeu Brandão, José Ivonildo, Jean Britto e a prof^a Graça Teixeira.



E olhe que eu nem contei que, entre 2013 e 2015, também exerci a primeira coordenação do, recém-aprovado, Programa de Pós-Graduação em Museologia, tendo também uma orientanda, mas desta parte falarei detalhadamente mais adiante... Mesmo na coordenação do Programa, não tive como deixar os processos de pesquisa.

2.6. Projetos de Extensão

Com o formato de aulas que venho trabalhando, incorporando a participação de instituições e pessoas de fora da Universidade e colocando as turmas próximas das ações que são desenvolvidas extramuros, acredito ter cumprido com o papel extensionista, de forma implícita, neste período de atuação. Mesmo assim ficam aqui registradas algumas ações que se configuraram, de fato, como projetos de extensão, alguns deles aliados a projetos de pesquisa.

Em janeiro de 2003, o governo federal sancionou a Lei 10.639, que oficializou a inclusão obrigatória da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Com o grupo de pesquisa, começamos a planejar um curso e, finalmente, em maio começamos o “Curso de Extensão em História Social da Criança - Inclusão oficial da história e da cultura negra no currículo escolar das séries iniciais”. Dividiu comigo a coordenação a professora Fernanda Maria Brito Gonçalves de Almeida, docente na UCSal e técnica em Educação na FACED.

O curso atendeu às expectativas do público interessado em discutir questões relativas à infância brasileira e seus desdobramentos nas questões étnico-raciais. A

turma de discentes, em sua maioria, era advinda de entidades de atendimento e proteção à criança, professoras(es) das séries iniciais e alunas da graduação e pós-graduação. O curso estava previsto para terminar em setembro, porém, devido ao período de greve, finalizou em novembro. Mesmo temendo me alongar, vale a pena citar os módulos e docentes e a equipe de trabalho³⁸:

Módulo I: Cultura e ideologia / vulnerabilidade da criança brasileira - Fernanda Maria de Brito Gonçalves Almeida;

Módulo II: História Social da Criança no Brasil - Joseania Miranda Freitas

Módulo III: Aspectos da História e Cultura da África e Cultura Afro-Brasileira - Vanda Machado e Carlos Petrovich³⁹ - Vale destacar que neste módulo tivemos a participação de dois convidados, o profº Félix Ayoh'Omidire e Víviam Carolina de Jesus Queirós, diretora da Banda Didá, em palestra no Terreiro Ilê Axé Oxumaré, falando da família africana e afro-brasileira.

Módulo IV: Direitos da Criança e do Adolescente - Vera Leonelli.

Equipe de Trabalho: Isadora B. P. de M. Ribeiro; Ercília Maria A. T. de Paula e Marcela M. J. da Silva.

Ainda na FACED, entre 2002 e 2003, participei da coordenação e execução da V Etapa do curso de Formação para o Magistério Indígena, em duas etapas: na Aldeia de Coroa Vermelha, no município de Santa Cruz Cabrália, sul da Bahia, e na Aldeia Tuxá, no município de Rodelas, no norte do Estado⁴⁰.

Em 2005, na gestão do profº Marcelo Cunha no MAFRO, participei de um projeto de pesquisa e extensão envolvendo um grupo de estudantes de História e Museologia, visando o estudo do acervo, produção de cartilhas (fotografias abaixo)⁴¹ e a formação de jovens como monitores de museus. As cartilhas direcionadas ao público estudantil e docentes. Os jovens, na primeira etapa, eram provenientes dos movimentos, terreiros e demais associações representativas das culturas negras; na segunda fase, oriundos da rede pública.

Dos jovens formados, Rafael, voltou ao MAFRO como estagiário do curso de História da UFBA; André está sempre perto de nós, primeiro trabalhou no Museu Nacional de Enfermagem Ana Neri (foto atendendo turma de Seminários Temáticos I), chegando a realizar uma exposição sobre o tema da saúde para as comunidades de terreiro nesta instituição; atualmente ele trabalha no Museu da Misericórdia, no atendimento ao público.

³⁸ Infelizmente não encontrei fotos deste curso, somente a da visita à Banda Didá, mostrada anteriormente...

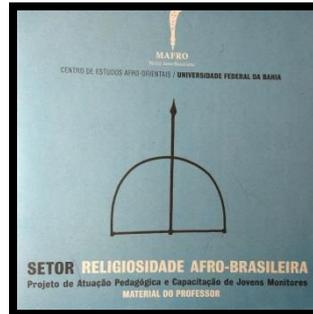
³⁹ Faleceu em 2005.

⁴⁰ Infelizmente nenhuma foto, embora saiba que fizemos muitas...

⁴¹ Estão online as referentes ao Setor África:

https://issuu.com/zgegeraes/docs/material_do_estudante_africa_26569e40bad59d/

<http://livrozilla.com/doc/806512/material-do-professor---%C3%A1frica---museu-afro-brasileiro>



42



43

Em setembro de 2006, participei de um projeto de extensão no sul do estado, na cidade de Itajuípe, sob a coordenação das professoras Lina Aras, do Departamento de História, na época diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e a Suely Ceravolo, do Departamento de Museologia, e a diretora da Biblioteca Isaías Alves, da Faculdade, Hozana Campos de Azevedo, realizamos o estudo preliminar e higienização emergencial do acervo do escritor Adonias Filho, para um futuro Museu ou Memorial na cidade. Participaram conosco um grupo de discentes: Delsirose, Jaimile, Renata e Vânia (na primeira foto abaixo), além de Dinorah e Bruno (na terceira foto).



44

Entre 2007 e 2008 participei, com o prof^o Marcelo Cunha e coordenação do prof^o Juipurema Sandes, do “Curso de capacitação curso de da Lei 10.639/03”, responsável pelos módulos: “Arte Africana” e “Dinâmicas culturais de resistências ao

⁴² Cartilhas produzidas no projeto, que contou com verba de Emenda Parlamentar do Deputado Federal Luís Alberto, militante do Movimento Negro Unificado (MNU).

⁴³ André atendendo a turma no Museu Nacional da Enfermagem Ana Neri.

⁴⁴ Fotografias do acervo de Renata Assiz.

sistema escravista no Brasil” - promovido pela Prefeitura Municipal de Camaçari, na sede e no distrito de Monte Gordo. (foto abaixo).



Também em 2007, a convite da Prefeitura Municipal de Santo Amaro da Purificação, participei do curso: “Tópicos Especiais de Cultura Afro-Brasileira”, apresentando o módulo: “Dinâmicas culturais de resistências ao sistema escravista no Brasil”.

No final de 2012 e início de 2013 participei da curadoria de uma exposição temporária no MAFRO, que se caracteriza como uma ação de extensão, a “Exposição Exu: outras faces”. A exposição ficou três anos, e agora no princípio de março, voltou, como atividade do Fórum Social Mundial, realizado na UFBA. Como uma reflexão sobre esta ação, com o colega Marcelo, publicamos um texto:

FREITAS, J. M.; CUNHA, M. N. B. Reflexões sobre a exposição temporária do MAFRO/UFBA - Exu: outras faces. *Museologia e Patrimônio*, v. 7, p. 191-206, 2014. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/341/300>



Em 2015, a convite da prof^a Mariela Hernandez Brazón, que coordenava a Galeria Cañizares, da Escola de Belas Artes (UFBA), participei como palestrante, das atividades promovidas pela “Exposição BOJU-BOJU: Máscaras da África Ocidental” - (coleção de David Glat) - apresentando “Estudos sobre questões africanas, afro-brasileiras e afro latino americanas no âmbito da UFBA”. Participaram da atividade: Nirlene Nepomuceno (bolsista pós-doc PPGMuseu); Marcelo Cunha, Mariela Hernandez, David Glat e Graça Teixeira.



Entre 2015 e 2016, realizei uma experiência de capacitação profissional no Museu de Arte da Bahia (MAB), como um exercício didático e prático sobre descolonização do olhar em Arte Decorativa. Atendi ao pedido da equipe de guardas de acervo (que se ampliou para o pessoal da biblioteca e setor educativo), que me via nas aulas andantes com as turmas e solicitou a capacitação ao setor educativo. Sem negar a importância e valor histórico social e político do acervo, fomos estudando elementos dos estilos artísticos (Barroco, Rococó e Neoclássico) e das categorias de materiais: mobiliário, porcelana e prataria, incluindo dados sobre a diversidade de mãos envolvidas na produção, comercialização e uso dos objetos. Abaixo fotografias com a turma do MAB.



Desta experiência, recebi o convite para escrita do capítulo sobre Mobiliário no novo catálogo do Museu, o comemorativo do centenário, que se celebrará este ano. Para esta escrita, não poderia estar solitária, convidei a prof^a Lysie Reis que aceitou, e já entregamos o texto para publicação. Do exercício, já estamos pensando na escrita de um livro com estas perspectivas de análise do mobiliário colonial baiano.

Como última atividade de extensão, participei, numa parceria entre a Museologia da UFBA (graduação e pós) e da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, do Comitê de Organização da “Sociomuseologia no Fórum Social Mundial na UFBA”. Com a coordenação da prof^a Rita Maia, foi criado o grupo de trabalho “Museus dos Vivos”, que organizou uma mesa no Instituto de Geologia e um cortejo pelo Campus de Ondina. Várias associações comunitárias foram envolvidas através de importantes discussões com o tema proposto, utilizando diversas linguagens, poesia, música, teatro... Tivemos a participação online do prof^o Mário Chagas, incentivador de cortejos e estandartes, criador do “Museu do Cortejo”.





2.7. Pós-Graduação em Museologia

Desde o início das movimentações que levaram à criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)⁴⁵, a área cresceu em termos de graduação e pós-graduação, tal crescimento estimulou a criação da “Rede de Professores e Pesquisadores em Museologia”, como forma de articular docentes e, conseqüentemente discentes. Abaixo destaquei algumas fotografias do encontro de Docentes da Museologia realizado em 2009, aqui em Salvador, quando somente havia o Programa de Pós-Graduação da UNIRIO, mas este encontro mostrou um panorama geral da área e a necessidade urgente da criação de outros programas, que de fato se seguiram: USP, UFBA, Doutorado da UNIRIO, UFPI e UFRGS.



⁴⁵ Particpei como membro titular, representante do Departamento de Museologia UFBA, do Comitê Gestor do Sistema Nacional de Museus, no IPHAN, entre 2005 e 2006 – este grupo antecedeu a criação do IBRAM.



O pequeno Departamento de Museologia, com somente 8 docentes (atualmente 9), passou bons anos amadurecendo a reforma curricular e um projeto de Mestrado; foram muitas as tardes de trabalho, não somente no ambiente laboral, mas nos nossos ambientes domésticos. Por fim, em março de 2013, tivemos a aprovação do projeto que enviamos ao Ministério e começamos, no segundo semestre, com a primeira turma do Programa de Pós-Graduação em Museologia - PPGMuseu/UFBA.

Voltando à criação do PPGMuseu, recebi a incumbência de coordenar os primeiros dois anos, em parceria constante com o vice, Marcelo Cunha. Estava criado o terceiro programa de Mestrado do país - o primeiro foi o da UNIRIO/MAST (Mestrado 2006 e Doutorado 2010); o segundo USP (2012). Num momento especial, no segundo semestre daquele mesmo ano, as três coordenadoras (Tereza Scheiner, Cristina Bruno e eu) nos encontramos no I SInPEM – Simpósio Internacional de Pesquisa em Museologia, promovido pelo Programa Interunidades em Museologia da USP.



Não foi fácil, mas nos empenhamos na execução da primeira gestão. Tivemos aprovados dois projetos de editais, um para realização de eventos acadêmicos, que realizamos entre 2013 e 2014; o outro de infraestrutura, para montagem de uma Sala Multiuso - até hoje aguarda a finalização da execução, que incluía reforma da sala e aquisição de equipamentos, que só agora foram comprados. Lidar com a burocracia não foi, e não é, uma tarefa fácil, assim como organizar a dinâmica de uma pós-graduação.

Mas, felizmente, conseguimos vencer os entraves burocráticos, realizamos e participamos de uma série de atividades acadêmicas, e a primeira turma defendeu e depositou suas Dissertações no prazo estipulado. Entre os eventos que participamos, destaque, um que antecedeu a primeira seleção, que foi em maio de 2013, “Encontro de Profissionais”, promovido pelo COREM 1R (Conselho Regional de Museologia, 1ª região) - quando tivemos a oportunidade de apresentar o Programa para a comunidade museológica de vários estados.



No ano seguinte, 2014, realizamos, com o apoio do Edital da FAPESB, o nosso primeiro grande Seminário de Pesquisa, sob a coordenação das professoras Heloísa Costa e Suely Ceravolo (primeira foto abaixo), contando com a participação dos três programas de Mestrado em Museologia, existentes naquele momento, UNIRIO, com a presença da prof^a Tereza Scheiner, Interunidades da USP, com a presença da prof^a Isabel Landim (segunda foto). Neste evento foram apresentadas as pesquisas da primeira e segunda turma de ingresso do PPGMuseu./UFBA (terceira foto, parte das duas turmas com a prof^a Heloísa e o prof^o Luiz Freire).



Ainda com recursos do Edital da FAPESB realizamos o segundo Seminário de Pesquisa, coordenado pela prof^a Sidélia Teixeira (foto abaixo), e com apoio da EDUFBA, publicamos um livro reunindo os textos. Com o prof^o Marcelo apresentamos os Seminários nesta publicação (impresa).

FREITAS, J. M.; CUNHA, Marcelo Nascimento B da. Nota prévia: Os seminários de Pesquisa - Temáticos do Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. In: Sidélia Teixeira. (Org.). **Patrimônio e Museus na Contemporaneidade**. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2016, v. 1, p. 9-10.



Ainda em 2014, acompanhamos as novas turmas do Mestrado (2013 e 2014) para participação no I SEBRAMUS - Seminário Brasileiro de Museologia, na UFMG, e em 2015 para o II SInPEM, em São Paulo e para o III SEBRAMUS, na UFPE. Em 2017 participamos no III SEBRAMUS na UFPA.

A minha participação como docente no Programa tem sido no oferecimento de componentes curriculares, tendo me afinado mais com o “Tirocínio Docente”, que oferecerei este próximo semestre pela quarta vez, além disso, trabalhei, dividindo com Marcelo Cunha “Patrimônio e Poder”. Já que falei do Tirocínio, aproveito para falar da experiência de recepção de discentes para realização do Tirocínio em componentes que ministrei, a primeira delas foi Mona Nascimento (sentada no primeiro plano à direita na primeira foto), egressa do curso de Museologia, que fez o seu Mestrado em Educação na UEFS, trabalhou com “Seminários Temáticos I” (Museologia e Patrimônio) em 2015. Em 2017, do PPGMuseu recebi para Tirocínio: Jislaine Santos (de tranças na segunda foto) e Rafael Dantas (primeiro plano na terceira foto) - ambos para “História e Patrimônio”, e Menderson Bulcão (primeiro plano quarta foto) atuou em “Museologia”.



Na primeira seleção (2013) tive a primeira orientanda, que havia sido minha bolsista no MAFRO, Daniela Moreira, na segunda (2014), outro orientando PIBIC, José Joaquim Araújo Filho - que finalizou sua Dissertação com Marcelo, pois saí de licença para o pós-doc, e por isso também não tive orientandos(as) nas seleções de 2015 e 2016. Da turma de 2017 fiquei com a orientação de Moari Alfredo e nesta última de 2018, tenho uma orientanda, Ritta Mota, para início agora em abril.

Daniela Moreira de Jesus. “As ações educativas desenvolvidas pelo museu afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia/MAFRO: 1982 – 2013”. (defendida em 2015). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/21129>

Moari Castro Ramos de Oliveira Alfredo: “Patrimônio industrial em perspectiva: narrativas de uma destilaria santamarense”. (em andamento)

Ritta Maria Morais Correia Mota. “Musealização de espaços cemiteriais: a preservação do Cemitério de Nossa Senhora dos Aflitos, Nazaré-Ba”. (em andamento)

Com Moari, as turmas de “Museologia” e “História e Patrimônio” tiveram a oportunidade de visitar o patrimônio industrial em estudo, na viagem à cidade de S. Amaro da Purificação, numa destas tantas aulas andantes. Possivelmente a nova mestranda, Ritta, também participará com as turmas em Nazaré.



Depois deste processo acirrado de trabalho na primeira gestão do PPGMuseu (2013-2015), entre 2016 e 2017 saí de licença para o segundo pós-doc, com o propósito maior de descansar. Mas, como costuma dizer minha mãe: “descansando, carregando pedra...”, pois então, para ter licença teria que ter projeto, continuei o já estava iniciado “Estudo da coleção de cópias”, mesmo sem bolsa fui, por duas vezes, ao encontro da orientadora, prof^a Antonieta Antonacci, do curso de História da PUC-SP. Na primeira ida à São Paulo, participei do III Colóquio Internacional da ADHILAC Brasil, apresentando o trabalho de pós-doc, com a presença da supervisora: “Uma coleção documento: estudo da coleção de cópias em gesso de arte centro-africana do MAFRO/UFBA”. O texto deste colóquio foi publicado pela Universidade Lusófona de Humanidades:

FREITAS, J. M. Uma coleção-documento: estudo da coleção de cópias em gesso de arte centro-africana do Museu Afro-Brasileiro-UFBA- primeiras notícias de pesquisa. CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA, v. 53, p. 25-56, 2017. Disponível em:
<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/699>

Em 2016, mesmo de licença, o colega Elizeu Clementino de Souza (UNEB), me convidou para participar do primeiro número da Revista de Pesquisa (Auto)biográfica, que ele estava coordenando; imediatamente convidei Marcelo Cunha para juntarmos nossas reflexões publicadas no livro-catálogo do MAFRO e transformá-las num novo artigo:

FREITAS, J. M.; CUNHA, M. N. B. Um acervo autobiográfico: a Capoeira dos Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, v. 1, p. 415-427-427, 2016. Disponível em:
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2994/1933>

Mesmo de licença, realizei várias atividades, como participação em bancas, comissões, etc. Mas, uma atividade que envolve o tema pesquisa, que gostaria de relatar, foi o convite que recebi para participar como membro externo da avaliação PIBIC/UFPA de 2016 e do XXVII Seminário de IC. Foi uma agradável experiência com discentes e docentes, trabalhando com os relatórios da área de Ciências Sociais Aplicadas.

Retomando à pesquisa sobre as cópias, como não pude ir ao museu belga, em 2016, quando estava de licença para pesquisar diretamente sobre as peças originais, passei uma semana em 2017, depois de participar Congresso Internacional da APELA, em Alcalá de Henares, na Espanha, no qual coordenei uma mesa para tratar da coleção

de cópias: “El arte de África: cuando preferimos las copias a los originales.”, formada por colegas brasileiros: Nirlene Nepomuceno (foi bolsista pós-doc do Programa de Pós em Museologia), Jamile Borges, da FAGED e Pós-Afro, participa conosco de bancas e Marcelo Cunha.



Esta pesquisa foi também apresentada no III SEBRAMUS: “Entre silêncios e vozes: estudo da coleção de cópias em gesso de arte centro-africana do Museu Afro-Brasileiro da UFBA”, em 2017 na UFPA. Neste Seminário, também fui convidada como palestrante para a mesa: “Museus, diversidade e representatividade”.

Para continuidade da pesquisa, para o período 2017-2018, consegui duas bolsistas (foto abaixo)⁴⁶:

1. Luíse P. dos S. Silva: Estudo sobre a prática de cópias em Museus e Academias de Arte.
2. Raquel P. de Oliveira: Finalização da Pesquisa Documental e Bibliográfica.



Ao retomar as atividades, mais uma vez, no final de 2017 e princípio de 2018, senti o cansaço corporal evoluir, devido a um cansativo semestre de verão, com muitas aulas andantes, orientação de Mestrado, vice coordenação do PPGMuseu, somando com algumas demandas da área, que não tive como negar, a exemplo da participação na Comissão Científica “I Encontro Interdisciplinaridades: Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia”, organizado pelo ICI – Instituto de Ciência da Informação, com discentes dos 3 cursos. Ainda participei do Comitê de análise dos Grupos de Trabalho do III SEBRAMUS e fui parecerista *ad hoc* de revistas da área: “Museologia e Patrimônio” (PPG PMUS), “Musas” (IBRAM) e “Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica” (UNEB).

Uma importante atividade, realizada em 2017 no PPGMuseu, foi o Seminário de Investigação, com o Programa de Pós-Graduação em Museologia da Lusófona, momento de reunião e discussão dos projetos de Mestrado (UFBA) e Doutorado

⁴⁶ Aproveitando que a bolsista Luíse concluíu o curso e sairia, acertei com a colega Graça Teixeira e com a coordenação do PIBIC para que a bolsista Raquel continuasse sob sua orientação no MAFRO.

(Lusófona). Na oportunidade, tivemos uma mesa relembrando o início desta parceria, com os professores Mário Moitinho, Mário Chagas e a prof^a Maria Célia Teixeira M. Santos.



Estou implicada com a história do Programa, desde seus antecedentes, que envolvem muitos compromissos e afetos de toda a equipe, com docentes permanentes e colaboradores. Ao encerrar as duas primeiras gestões (2013-15 e 2015-17), com Marcelo Cunha e Graça Teixeira, que foi vice, na coordenação de Marcelo, que seguiu a minha, fizemos um balanço, num texto publicado no início de 2017, pela Lusófona.

CUNHA, Marcelo Nascimento B. da; FREITAS, J. M.; TEIXEIRA, Maria da Graças de Souza. Breve panorama do Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia - 2013 a 2016. CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA, v. 53, p. 7-18, 2017. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5884>

2.8. A escolha da banca

Para encerrar os muitos relatos aqui narrados, em meio a outros tantos esquecidos ou omitidos pelas seleções necessárias, passo à apresentação da banca para explicar como e a partir de quais relações vocês se tornaram as leitoras e leitores de primeira mão deste Memorial. Ao preparar este material, outra tarefa precisava ser cumprida, a de organizar a banca. Depois de alguns contatos, infelizmente frustrados pelas exigências burocráticas⁴⁷, consegui a formação de uma banca com docentes que, de diferentes maneiras, estão implicados com as narrativas aqui explicitadas⁴⁸ - narrativas que não dão conta, mas tentam apresentar uma síntese panorâmica da minha experiência docente. Como esta não é uma banca de concurso que implique em encontrar membros sem relações com a pessoa avaliada, mas muito pelo contrário, é recomendado que os membros tivessem relação com a área e esta relação implica em campos pessoais, com explicitação de afetos, pois afinal não somos máquinas. Esta banca foi formada para análise de uma “prestação de contas” à comunidade universitária, à área da Museologia, à UFBA, às(aos) colegas e discentes que estiveram implicadas(os) e também para outras tantas pessoas que no momento nem sequer estão envolvidas, mas que lá no futuro poderão se interessar pelas ações docentes de uma professora de Museologia da UFBA.

Agora lhes apresento (ordem alfabética):

Ana Maria Dalla Zen - a conheci pessoalmente no Encontro de Docentes da Museologia em 2009 e desde então nos encontramos nos demais eventos da área. É docente do Programa de Pós-Graduação em Museologia da UFRGS, sendo

⁴⁷ O prof^o Ari Lima (UNEB) e a prof^a Florentina Souza (UFBA) ainda não tiveram suas portarias publicadas. Participariam como membros suplentes.

⁴⁸ Fotografias de páginas pessoais da internet.

coordenadora substituta. No momento de buscar docentes na área com esta titulação a reencontrei e fui agraciada com o seu aceite para esta tarefa, atendendo online, já que não há recursos para passagens e hospedagens. Segundo o seu Lattes: “Desde 2012 coordena o Programa Ilha da Pintada: Mulheres, Trabalho e Memória, na Ilha da Pintada, bairro Arquipélago, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em 2013 recebeu o Premio Santander Cultural Universidade Solidária, vinculado ao Programa que coordena na Ilha da Pintada. É coordenadora do projeto Ecomuseus, museus comunitários, paisagens culturais e sustentabilidade: a construção de fundamentos teóricos em Museologia Social.”

Edson Dias Ferreira - meu colega de Mestrado em Educação na UFBA. Mas, não só por isso foi convidado! Edson esteve presente nas minhas aulas, colaborando nos primeiros tempos com o componente curricular “Laboratório de Cultura Material Africana e Afro-Brasileira”, na parte relativa à Arte Africana. As diversas expressões artísticas, incluindo a festa, resultantes das heranças africanas são temáticas que nos aproximam.

Lina Brandão de Aras - presidente, presente em muitos momentos aqui registrados. No Departamento de Museologia, a única com titulação superior à minha era a prof^a Heloísa Costa, que desde que se aposentou foi substituída pela prof^a Lina para as minhas progressões, além disso, das demais participou como membro da Faculdade. Mas, não foi convidada somente pela função burocrática formal, muito mais que isso, foi devido às cumplicidades que temos nos atos formativos vivenciados, como pode ser visto nos relatos apresentados. Lina é vice coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, com larga experiência na área de História do Brasil, da América, da Bahia, e também nas áreas de histórias das “rebeldias, região, literatura e gênero”, conforme o seu Lattes.

Maria Cristina Oliveira Bruno - membro MAE/USP. Fez parte da minha banca de concurso para entrada na docência, mas não só por isso foi feito o convite. Cristina faz parte da minha história de formação no curso, quando ainda nos anos 80 Marcelo Cunha a conheceu num seminário em Sergipe e desde então formaram uma forte amizade, com construção de muitas reflexões e crescimento para a área. A prof^a faria a sua participação online, mas se dispôs a vir com seus recursos, deixando-me extremamente grata. Cristina é Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - MAE/USP. Coordenou as quatro edições do Curso de Especialização em Museologia (1999- 2006) e foi a primeira coordenadora do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (2012-2014), também atua na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/ULHT, de Portugal. É referência nos estudos teóricos e históricos da área de Museologia.

Marise de Santana - a conheci pouco antes da entrada na UFBA, em 2001, quando atuei na Faculdade de Candeias, no curso de Pedagogia. Tive notícias novamente em 2015 quando no MAFRO organizamos a lista de entidades negras para receberem o livro-catálogo de Capoeira, ela aparecia como uma das colaboradoras do museu, através do seu grupo de Pesquisa. Coordenadora do “Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade” e do Curso de “Pós-Graduação em Antropologia”, com ênfase em culturas Afro-brasileiras do ODEERE/UESB. Na UEFS atua no Programa de Pós-Graduação “Desenho, Cultura e Interatividade”. Os temas relacionados às memórias africanas nos aproximam.

Suplentes:

Ester Maria de Figueiredo Souza - minha colega de Doutorado, mas não só por isso foi convidada. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação da UESB. As temáticas relativas à Cultura e Educação nos aproximam. No seu Lattes ainda encontramos as seguintes informações: “É líder do Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação - GPLeD/CNPQ/UESB. Coordenador do projeto PIBID Letras Vernáculas da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Possui experiência em coordenação acadêmica de Programas de Pós-graduação e em Comitês técnicos de assessoramento nas áreas de Ciências Humanas, Educação, Letras, Linguística.”

Milton Araújo Moura - parceiro presente em vários momentos neste Memorial. Atua no Programa de Pós-Graduação em História e no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, neste segundo Programa já participei de bancas de Mestrado e Doutorado. Trabalhamos com temáticas próximas, seus textos são referências obrigatórias para as turmas que trabalho comigo. Temos uma paixão em comum: Macondo - a terra “encantada” da Colômbia. Cartagena de Índias para nós é um porto seguro no Caribe... A temática da festa nos une, desde quando fiz o Mestrado fiquei encantada com seu texto sobre a música Faraó, com sua aguda interpretação do ambiente do Pelourinho e os mecanismos de escrita da música.

Osmar Moreira dos Santos - o único convidado que não conheço pessoalmente. No entanto, as implicações profissionais nos aproximam. Ele é um dos criadores do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, que recebeu discentes egressas do curso de Museologia, que atualmente são docentes da Museologia: Marcela Cabral (UFPA) e Priscila Maria de Jesus (UFS). Participei de bancas, eventos acadêmicos coordenados por este Programa, assim como já publiquei, com discentes, na Revista do Programa.



49

Feita esta rápida apresentação, me despeço agradecendo, imensamente, pela disponibilidade para realização deste trabalho de leitura e posterior escuta presencial e virtual. Peço desculpas pelas ausências, pelos lapsos de memória, pois seria uma tarefa impossível colocar todas as ações e todos os nomes envolvidos. Esta foi a seleção possível, neste momento - noutra, possivelmente algo se repetiria, algo seria cortado e/ou acrescentado, mas fica aqui onde cheguei em 31 de março de 2018 às 22:05!

⁴⁹ Fotografias retiradas de páginas pessoais na internet, a última do Whatsapp.

Hoje, dia 02 de abril, quando completo 16 anos de posse, acabo de abrir o Memorial para realizar dois registros, um por omissão e outro para acréscimo. O primeiro para homenagear, postumamente, a presença de dona Cleusa Machado⁵⁰ - funcionária da limpeza, que nos dias de concurso, em janeiro de 2002, esteve ao meu lado, atenta se precisava de um café ou água. Ao sair das etapas de prova estava do lado de fora da sala me esperando, com seu sorriso acolhedor. Lembro-me que a prova de Memorial foi numa das salas do NEIM - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, e ela sabiamente me disse mais ou menos o seguinte: - fique tranquila, esta é a melhor sala pra você, é a sala das mulheres!



O acréscimo é também relativo ao dia de hoje, na recepção às novas turmas de Graduação e Pós, estive na mesa como palestrante, representante do IPHAN, a museóloga Ana Teresa Góis Soares Mattos, que foi da turma de Arte Decorativa que recebi de herança do prof^o Marcelo Cunha ao entrar... Uma bela conspiração do universo registrada nas fotos abaixo.



Forte abraço!
Joseania Miranda Freitas

⁵⁰Faleceu em fevereiro de 2018.